



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

RAFAEL GOMES DA SILVA CARNEIRO

**A SEREIA DA LAGOA DO ZÉ FEIO: A TRAJETÓRIA DE UMA TRAVESTI
NA POLITICA NO INTERIOR DO MARANHÃO**

Teresina/PI
2019

RAFAEL GOMES DA SILVA CARNEIRO

**A SEREIA DA LAGOA DO ZÉ FEIO: A TRAJETÓRIA DE UMA TRAVESTI
NA POLITICA NO INTERIOR DO MARANHÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de Concentração: Marcadores Identitários

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lídia M. de N. Pessoa

Teresina/PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

C289s Carneiro, Rafael Gomes da Silva.
A sereia da lagoa do Zé Feio : a trajetória de uma
travesti na política no interior do Maranhão / Rafael
Gomes da Silva Carneiro. – 2019.
90 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) –
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.
"Orientadora: Profa. Dra. Maria Lídia M. de N.
Pessoa".

1. Migração. 2. Política. 3. Travestilidade. I. Título.

CDD 301.2

RAFAEL GOMES DA SILVA CARNEIRO

**A SEREIA DA LAGOA DO ZÉ FEIO: A TRAJETÓRIA DE UMA TRAVESTI
NA POLITICA NO INTERIOR DO MARANHÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso de Brito - UFPI/CCHL

Presidente da banca

Prof.^a Dr.^a Mônica da Silva Araújo - UFPI/CCHL

Membro Titular

Prof.^a Dra.^a Rossana Maria Marinho Albuquerque – UFPI/CCHL

Membro Titular

Prof.^a Dr.^a Márcia Leila de Castro Pereira - UFPI/CCHL

Membro Suplente

*“A melhor forma de recomeçar é errar feio.
Errar em amar, errar em ceder, errar em criar um curso.
E então realinhar-se por inteiro. E voltar ao princípio”*

GUÐMUNDSDÓTTIR, Bjork. Moon. Islandia.

One Little Indian: 2011

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa somente se tornou possível pelos incontáveis apoios que recebi durante todo esse percurso. Assim, agradeço primeiramente à minha família e em especial à minha mãe, Nadir, que nunca me abandonou e sempre me apoiou em minhas escolhas. Agradeço também à minha orientadora pelo suporte.

RESUMO

O presente trabalho tem por escopo apresentar a trajetória de Pamela Maranhão desde São Domingos, sua cidade natal, até sua recente migração para a cidade de São Luís, capital do Maranhão. Pamela constrói uma narrativa onde alguns elementos transpassam sua história de vida, e que dentro da pesquisa são privilegiados como conceito-chave para se observar sua trajetória, que são: gênero, política e migração. Objetiva-se assim observar como Pamela se construiu enquanto uma travesti dentro de um contexto social conservador e como a política foi um elemento libertador nessa descoberta. Assim, se cria uma linha, que não é necessariamente contínua, da história de vida observando as relações que se estabelecem por Pamela, enquanto agente ativo nessa construção, mas também como as relações a formam. A política surge como um ponto ápice para a construção de Pamela Maranhão enquanto um mulher travesti e a partir disso, perceber a política também como uma forma de modificação social.

Palavras-chave: Travestilidade. Política. Migração.

ABSTRACT

This paper aims to present a trajectory of Pamela Maranhão from São Domingos do Maranhão, his hometown, until his recent migration to the city of São Luís, capital of Maranhão. Pamela builds a narrative in which some elements are pierced in her life story, and which are within the research are privileged as a key concept to observe their trajectory, which are: gender, politics and migration. Its objective thus proceeded as a policy as a transvestite within a conservative social context and as a policy was a liberating element in this discovery. Thus, if it is a line, which is no longer continuous, from the history of life observing the relationships that are established with Pamela, while the person is in the construction, but also how the relationships form it. Politics emerges as a point for the construction of Pamela Maranhão while a woman is able to perceive a policy also as a form of social change.

Keywords: Tranvestility. Politics. Migration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O DESPERTAR EM SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO	17
1.1 O rompimento com a família	20
1.2 De biquíni na Lagoa do Zé Feio	32
1.3 A primeira bijouteria	34
2. A POLITICA NA CONSTRUÇÃO DE PAMELA	39
2.1 A revolta me trouxe para a política	44
2.2 A primeira travesti da cidade candidata ao cargo de Vereadora	49
2.3 O papel da política na construção da identidade travesti	55
3. A MIGRAÇÃO PRA CAPITAL	62
3.1 A travesti e a cidade	67
3.2 Reviver	70
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
5. BIBLIOGRAFIA	88

INTRODUÇÃO

São Domingos do Maranhão ou Terra do Abacaxi sempre foi geograficamente muito próximo a mim, talvez esse seja inicialmente o único laço que me ligue à personagem principal dessa pesquisa. Nasci em Colinas, cidade a cerca de 40 quilômetros de São Domingos do Maranhão, entretanto, apesar da proximidade, só vim conhecer Pamela muitos anos depois de ter saído de Colinas, quando já morava em Teresina. Nosso primeiro contato foi virtual por meio da rede social Facebook, no ano de 2016. Comecei observando a militância política que ela desenvolvia naquele meio tão adverso e que de certa forma eu também conhecia por ter crescido em uma cidade pequena no interior do Maranhão.

Somente muito tempo depois, quando ingressei no Mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Piauí, ela de fato se tornou parte do que eu pretendia pesquisar. Inicialmente focado na experiência da velhice no corpo da travesti, comecei a perceber que a experiência e trajetória criada por Pamela, mesmo com apenas 30 anos, poderia ser mais bem explorada a partir de outras nuances.

O trabalho de campo que fundamenta este texto foi realizado no ano de 2019, em três viagens, uma à cidade de São Domingos e outras duas à cidade de São Luís. A primeira incursão se deu em 20 de janeiro de 2019, na cidade de São Domingos, onde permaneci 3 dias, entrevistando pessoas, frequentando instituições e espaços permeados pela presença da personagem. A segunda incursão aconteceu em 12 de março de 2019, na cidade de São Luís, permaneci 15 dias e a última se deu em 15 de abril, quando permaneci 12 dias.

Não se pretende reconstituir por completo a vida de Pamela, tarefa essa impossível e também porque existem detalhes de sua experiência ou momentos aos quais não tive acesso, seja por desinteresse em coloca-los na pesquisa ou porque ela decidiu não me informar, como coloca Suely Kofes (2001: 14) “assim, não foi possível escapar inteiramente de uma das regras da narração, ou seja, da seleção que os agentes fazem do que é ou não contado”.

O que é narrado por Pamela mostra as relações que passam a ser evidenciadas a partir de sua fala, inclusive associações com demais atores que podem transparecer processos sociais e alteridades, o que pode, aos olhos da Antropologia, compor um objeto de pesquisa relevante. Assim, com uma etnografia de uma experiência e um percurso de vida, a partir de narrativas autobiográficas, documentos, pesquisas de campo, entrevistas, o que se passa a construir e conhecer não é apenas um único itinerário, mas principalmente um conjunto de relações que se formam, interações entre pessoas diversas, instituições, políticas etc.

O que procurei perseguir foram experiências de uma trajetória, mas ao tomar essa trajetória como fio condutor não significa que o enfoque principal seria conhecer apenas e unicamente a singularidade subjetiva de Pamela, mas também o seu entorno, seu meio. Segundo Suely Kofes (2004), é urgente que se supere essa oposição entre indivíduo e sociedade para que ocorra o entrelaçamento entre biografia e etnografia.

Nas Ciências Sociais, a referência ao método biográfico, quando se desloca da resistente oposição indivíduo x sociedade, costuma apontar a sua importância para o registro da ação e como um dos meios para a crítica à estabilidade do agente e à identidade supostamente fixa, estável e unitária do Ego, problematizando-o com a multiplicidade do sujeito e de suas situações. Assim, o foco em trajetórias, em biografias, tanto pode questionar um modo habitual de categorização da prática considerada apenas do ponto de vista de agrupamentos sociológicos, como problematizar o indivíduo como uma totalidade coerente. Revelaria, ou permitiria revelar, que a superposição de vários mundos nas experiências e interpretações de sujeitos singulares são constituidores da socialidade e não incoerências sociológicas (Kofes, 2004: 9).

Há assim a construção de uma abordagem biográfica e a tentativa de compreender a trajetória construída por Pamela a partir de sua narrativa, tendo sempre como base a sua inserção em uma sociedade, novamente repito, principalmente porque aqui se focaliza a experiência de um sujeito, não necessariamente se pretende reconstruir sua vida com os mínimos detalhes de uma forma isolada. Assim como informa Kofes (2001, p.27) essa trajetória desenhada por ela enquanto um “processo de configuração de uma experiência singular” tem uma ligação às “concretudes socioculturais que tensamente o realizam como pessoa” (KOFES, 2001, p.13).

A trajetória de Pamela Maranhão foi desenhada sobre categorias que foram emergidas na sua narrativa, nesse sentido destaque neste trabalho, a travestilidade, a política e a migração. Tem como pano de fundo todo um sistema de relações históricas e sociais, e estas, apenas se sustentam como legítimas porque clarificam a relação intrincada entre sujeito, indivíduo e cultura.

Nesse sentido, Bourdieu (1998), ao tratar das histórias de vida, abordava a “ilusão biográfica” das histórias de vida, o que, segundo ele, se tratava de uma ficção de si, onde o narrador tem domínio e se torna quase um ideólogo da própria vida. Assim, ele defendia que os processos sociais devem necessariamente ultrapassar a noção que se tem de história de vida enquanto um processo único e suficiente, ordenado, linear, onde os acontecimentos estão ligados unicamente aos sujeitos, para assim se considerar as relações efetivamente objetivas no espaço em que esses acontecimentos biográficos ocorrem.

Gonçalves (2012) e Kofes (2001) se alinham nessa ideia de entrecruzamento entre o individual e o coletivo. Para Gonçalves (2012) a experiência individual, no caso a de Pamela, estrutura-se basicamente em narrativa onde a agência torna possível a expressão de sua perspectiva sobre sua vida, e conseqüentemente há uma articulação entre individual e coletivo, sujeito e cultura. Kofes (2001) traz a ideia de que os sujeitos sociais surgem de entrecruzamentos de relações, às quais estão necessariamente ligados. E essas ligações se dariam tanto pelos significados que são dados a essas relações que anteriormente a elas se constituíram enquanto pessoas sociais, como também pelos significados que eles (sujeitos) agenciam a partir da narrativa, por exemplo.

Gonçalves (2012) coloca a etnobiografia como um elemento problematizador quanto a essa oposição que se criou entre o indivíduo e a sociedade. O autor “pensa o indivíduo enquanto potência de individuação que, acionada a partir da chave de uma relação entre pesquisador e pesquisado, produz uma relação entre sujeitos”. (GONÇALVES, 2012, p.30)

Essa relação entre pesquisador e pesquisado, que é dialógica, não surgiria assim enquanto uma tentativa de produzir uma visão necessariamente de dentro, segundo Gonçalves (2012, p.30), procurando “apreender um ponto de vista nativo”, mas sim, uma tentativa de tentar definir no texto uma complexa

representação do outro, no caso Pamela, que vai se realizando enquanto construção de um diálogo.

Portanto, etnobiografia é, antes de tudo, produto de uma relação e de suas implicações a partir da interação entre pessoas situadas em suas respectivas vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre a alteridade. (GONÇALVES, 2012, p.29)

A ideia de pessoa/personagem colocada por Gonçalves (2012, p.28) traz uma luz sobre a interpretação da pessoa e o acesso à cultura, onde segundo ele “a categoria indivíduo não é propriamente o nosso quadro referencial, mas sim a pessoa/personagem tomada enquanto manifestação criativa, pois é, justamente, através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura.”.

Nessa linha de raciocínio, as realidades socioculturais seriam construídas a partir das histórias contadas sobre isso, ou seja, as narrativas pelas quais ela é representada. Assim, a realidade sociocultural passa a ser significada enquanto uma experiência do mundo a partir de narrativas que são construídas pela interação entre sujeitos da etnografia. Gonçalves (2012, p.32) explica.

A autonarrativa é construída em um contexto que depende da alteridade, operada através do jogo das semelhanças e diferenças, e que faz com que a pessoa vire personagem e o personagem vire pessoa em um contexto de interação e produção do self. Neste momento de experiência compartilhada, as pessoas podem experimentar assumir determinadas caracterizações e estereótipos, construindo uma personagem marcada por traços eminentemente sociais.

Essa construção depende assim de um intercâmbio de experiências em que segundo Walter Benjamin (1994), se depreende um caráter relacional das narrativas biográficas.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1998) conceitualmente distingue biografias, histórias de vida e autobiografias. Elas são de fato gêneros distintos que em comum têm o fato de serem baseados na seqüência de vida individual, a seqüência biográfica. Apresentam, todavia, distinções quanto à forma com que a trajetória de vida é elaborada e apresentada.

Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e, como salienta Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro. A história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete. Já a biografia se define como a história de um indivíduo redigida por outro. Existe, aqui, a dupla intermediação que a aproxima da história de vida, consubstanciada na presença do pesquisador e no relato escrito que se segue.

Em *Uma Trajetória, Em Narrativas* de Suely Kofes (2011), pesquisa sensivelmente desenvolvida a partir de uma “intenção biográfica” e que acabou por chegar numa etnografia de uma experiência, explorando para isso várias narrativas, tanto orais quanto escritas, para dessa forma situar como se constituiu a trajetória de Consuelo Caiado, morta em 1983. Suely realiza uma etnografia de alguém que não se encontra mais no plano material, mas que permanece viva na fala das pessoas, nos documentos e nas experiências na cidade do Goiás. Dessa forma ela pesquisou em arquivos, entrevistou pessoas e assim construiu a trajetória de Consuelo.

Percorrer os caminhos de Pamela para a construção de sua trajetória envolveu idas a campo e também pesquisa em documentos e principalmente arquivos digitais, como por exemplo os dois Blogs que ela manteve no período em que morou em São Domingos do Maranhão: o *Spy SD* e o *Blog da Pamela Maranhão*. A pesquisa de campo está dividida em três momentos, o primeiro na sua cidade natal, São Domingos do Maranhão, e outras duas incursões na cidade de São Luís, para onde Pamela migrou na busca de novas perspectivas. Entretanto, esse processo de migração parece ainda não ter cessado, seu objetivos, que ainda parecem suspensos no ar, envolve sua eminente, mas inda não decidida, ida para São Paulo, onde segundo ela “as perspectivas para uma travesti na política podem ser mais amplas.”

Portanto, esse trabalho tem por objetivo, observar as relações mantidas por Pamela com a sua cidade; sua construção enquanto travesti em São Domingos do Maranhão e como a política surge e influencia sua construção enquanto mulher travesti.

Pamela, que inicialmente tinha como sobrenome Maranhão e depois da mudança pra São Luís adota Reviver, é uma *“uma mulher travesti do sertão maranhense”* como ela mesmo se intitula. Seu nome tem uma origem que a principio não tem nada de maranhense, vem da atriz americana Pamela Anderson, famosa pelos cabelos loiros e maiô vermelho utilizado e immortalizado na série Baywatch. Da Pamela americana, a maranhense adotou o nome e a estética. Adotou o loiro e o vermelho como tática de guerrilha *“eu gosto do vermelho porque é a paixão, chama atenção, e combinado com o loiro choca mesmo. Quando eu chego todos já percebem.”* A Pamela se tornou Maranhão pra agregar ao nome as suas raízes e também como uma forma de identificação política com o local em que vive.

Inicialmente era pra ser chamada Pamela Babaçu. Só que fui convencida pelas próprias bixas que iriam colocar Babaçu. Que na verdade, há até uma matéria no meu Blog, no início quando eu me assumi que meu nome de verdade ia se chamar She-Ra. Comecei a usar She-Ra em Parauebas, só que as meninas começaram a me zombar, e aí apelei para Pamela, e Maranhão em homenagem ao Estado e agora Reviver. (Entrevista realizada em São Luís, 12 de março de 2029)

No processo de migração para São Luís, ela adota o Reviver¹ como espaço de atuação política e também como forma de identificação com esse novo lugar. Apesar da identificação com seu local atual, ela diz se sentir triste com o acolhimento inicial da comunidade LGBTQ+.

Tantos gays, sapatão, aqui no Reviver, e eu vejo que tirei poucos votos. Isso aqui hoje eu sei que foi justamente porque não houve o compartilhamento de uma bixa falar pra outra, entendeu? É tanto que muitas bixas não me conhecem. Hoje eu começo a conversar dentro do ônibus, e eu vejo que elas não sabem, inclusive muitas votaram no Wellington do Curso, porque não tinham uma opção melhor. Inclusive falam que se soubesse que eu tinha me candidatado, teriam votado em mim. (Entrevista realizada em São Luís, 12 de março de 2019)

Mas, inclusive, foi nesse mesmo local em que ela relata esse não reconhecimento, que no mesmo dia, durante nossa caminhada, alguns adolescentes a abordaram timidamente, perguntando se seria possível

¹ Reviver é um espaço no Centro Histórico de São Luís onde existe um fluxo permanente de turistas, mas também muito conhecido por ser um espaço de sociabilidade homoafetiva onde há uma diversidade de pessoas que não se encontra em outros espaços de São Luís.

entrevista-la. Eram estudantes de uma escola municipal que traziam em suas mãos um pequeno roteiro de perguntas sobre o preconceito contra a comunidade LGBTIQ+. Aquele momento foi importante para ela, o que ela chamou de *“a nova geração engajada, que mesmo não sendo formada unicamente por LGBT’s, tem os questionamentos, a curiosidade”*.

Pamela se alimenta dessas doses diárias de esperança *“todo dia eu tenho que matar um leão, não é fácil, mas cada pequeno ato é um ato de mudança”*. Estar ali, frequentando aquele espaço é um ato político, de resistência, e ela sabe disso *“meu corpo é político, é minha arma.”*

No primeiro capítulo, intitulado “O despertar em São Domingos do Maranhão”, Pamela é apresentada a partir do momento em que passa a ter consciência de si enquanto mulher travesti e como ela constrói suas relações com a família e a sociedade. Iniciando pelo rompimento com a família, passando pelo processo de construção de um corpo travesti até o momento em que apresenta para a sociedade, às margens do Lago do Zé Feio, quem seria a partir daquele momento, surge então Pamela Maranhão.

No segundo capítulo, intitulado “A política na construção de Pamela” é mapeada a importância da política na trajetória de construção de Pamela enquanto mulher travesti, desde o momento inicial de revolta a partir da recusa dos vereadores de sua cidade em apoiar um projeto de lei que abraçasse a comunidade LGBTIQ+, onde inicia sua carreira como primeira travesti a concorrer ao cargo de vereadora no Maranhão, até o momento em que decide, após inúmeras tentativas de candidaturas na política, migrar para a capital São Luís.

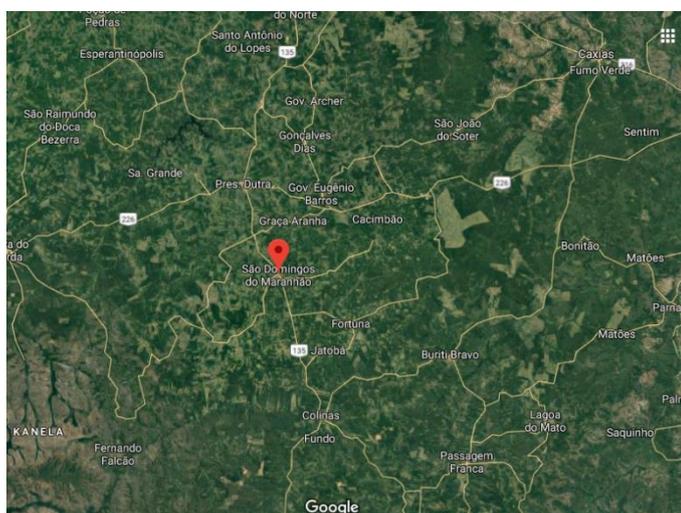
No terceiro capítulo, intitulado “A migração pra capital” é abordada a relação de Pamela com sua cidade natal, e o conseqüente processo de desencantamento e desilusão que a faz migrar para a capital São Luís.

1 O DESPERTAR EM SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO

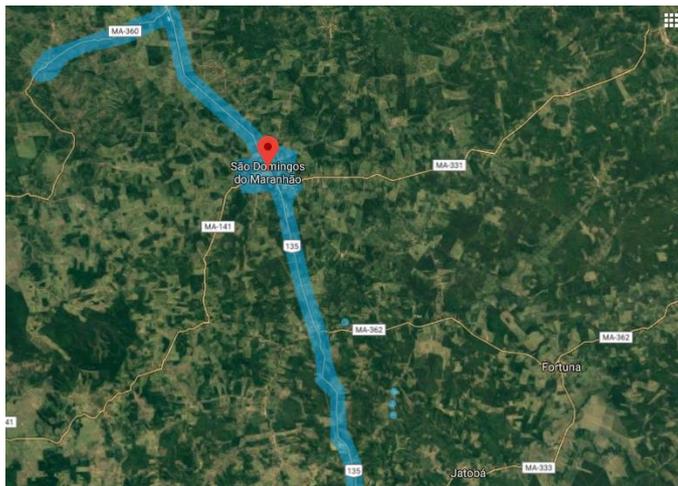
A relação de Pamela com São Domingos se inicia em 01 de outubro de 1987, data de seu nascimento, lugar onde ficou até o ano de 2018, quando após inúmeras tentativas de candidaturas, inicialmente como vereadora da cidade no ano de 2012, posteriormente como deputada estadual no ano de 2014, como vereadora novamente no ano e 2016 e como deputada estadual no ano de 2018, ela decide, já morando em São Luís, iniciar o que ela chama de “*um novo projeto na política, que ainda é segredo mas pretendo lançar em 2020*”.

São Domingos também conhecida como Terra do Abacaxi é um município situado no estado do Maranhão, sua história remota de 1894, quando José Tibúrcio Feio se fixou naquela região com sua família à beira da lagoa que hoje é conhecido como Lagoa do Zé Feio. A cidade abriga 33 mil habitantes, Pamela brinca que “*é trinta e três mil habitantes, uma cidade com uma BR, uma rua principal e toda esquina uma Igreja Evangélica.*”

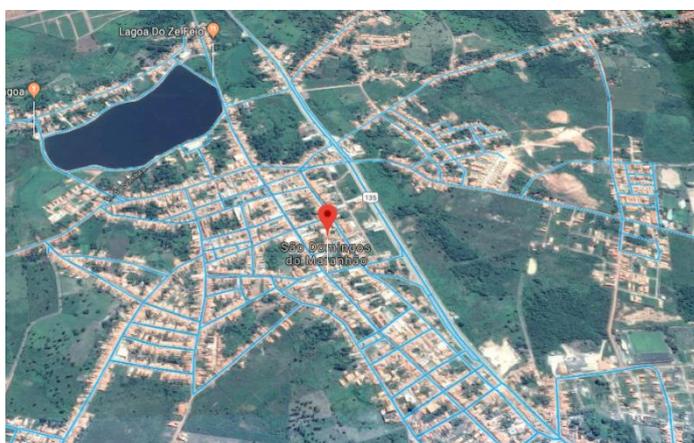
Em 1940, a partir do Decreto-Lei municipal de N. 15, datado de 20 de janeiro do mesmo ano, se tornou distrito do município de Colinas, nessa época sob o nome de Pucumã, nome esse que permaneceu até 1947, quando se elevou à categoria de vila. No ano de 1952, pela Lei N. 756, tornou-se cidade, agora sob o nome de São Domingos do Maranhão, segundo dados retirados do próprio site da cidade.



Fonte: Google Maps



Fonte: Google Maps



Fonte: Google Maps

Conforme o IBGE, em termos econômicos, a cidade se mantém na base do comércio e agricultura, especificamente na produção de abacaxi, daí a denominação “terra do abacaxi”. Nos relatos de Pamela, o comércio da cidade é dominado basicamente por comerciantes conservadores e religiosos, o que ficará mais evidente quando de sua entrada em uma rádio local da cidade e da consequente dificuldade em conseguir patrocínio para o programa que apresentava.

Esse foi apenas um dos empecilhos com que Pamela teve que lidar durante sua trajetória. Pensar a cidade nesse momento é importante para entender como é tecida a narrativa de Pamela e a construção de sua história. Gilberto Velho (2013, p.147) afirma que “os indivíduos constroem suas identidades através da memória, retrospectivamente, e dos projetos, prospectivamente. Tudo isso envolve deliberações e escolhas a partir de um

quadro sociocultural e de um campo de possibilidades cujos limites nem sempre são claros”.

Em 2009, o quadro sociocultural em que Pamela estava inserida se mostrava bem adverso a pessoas como ela, o que de fato não mudou até hoje. Sua relação com a cidade inicialmente acontecia a partir de dois Blogs que ela mantinha anonimamente, preservar sua identidade era algo que ela considerava importante naquele momento.

Em sua primeira postagem no Blog, Pamela ainda era Jackson, um homem gay, não assumido e que utilizava aquela ferramenta virtual como uma forma de se expressar e denunciar o que julgava estar errado na sua cidade.

Assim, durante o período em que morou em São Domingos, Pamela mantinha dois Blogs intitulados de *Spy SD*, que em uma tradução livre seria algo como *Espião São Domingos* e o *Blog da Pamela Maranhão*. A primeira postagem data de 07 de abril de 2009, nele ela explica o motivo da existência do Blog.

Pela primeira vez na história em São Domingos do Maranhão – MA surge o primeiro blog em sua homenagem “SPY SD” este se trata de um blog semanal que tem como meta dialogar sobre assuntos da atualidade, vividos nesta cidade, sem acrescentar ou omitir informações. Nosso principal objetivo é proporcionar os verdadeiros sandominguenses uma cultura mais justa e eficiente, pois sabemos que esta cidade ainda tem sim uma solução!

Agora quando se falar em S. Domingos do Maranhão – MA, não só lembraremos de uma “política” fanática. Lembraremos de um blog, sério, divertido e inteligente. Infelizmente pouco se tem em achar algo relativo a nossa cidade na internet! Sabe porque? Porque muitos não amam de coração essa terra de gente hospitaleira, gente trabalhadora em fim são vários elogios que se tem de uma sandominguense. Esperamos que este auxilie você e futuras gerações que ainda estão por vir! (Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 07 de abril de 2019)

A partir de um blog de notícias, inicia seu percurso na cidade. O tom de denuncia que muitas vezes o blog assumia era amenizado por notícias sobre o dia-a-dia da cidade, mas a segunda postagem com um cunho político já denunciava a iminência de uma Pamela assumidamente engajada na política, datada de 28 de abril de 2009, intitulada “Câmara de São Domingos do Maranhão “nunca” fez lei municipal”. No corpo da matéria, o texto questiona o leitor, inquirindo-o sobre o seu conhecimento acerca da existência de alguma lei municipal criada por vereadores da Câmara Municipal de São Domingos. O

próprio texto responde a pergunta com uma negativa. Por fim, questionando qual o papel desses vereadores que “nada fazem”.

Interessante observar que o início de Pamela na política partidária se deu justamente por esse motivo. Em seu relato, Pamela fala de um momento em que ela considera como divisor de águas para que ela entrasse de vez na política. Ela conta do episódio em que se questionou sobre o “*porque de a cidade não ter nenhuma lei a respeito do Dia Municipal de Combate à LGBTFobia*”. Não obteve respostas de nenhum vereador. A partir desse momento ela procurou entender como funciona a engrenagem política em sua cidade e por fim participar dela como membro ativo.

Esse “despertar” tanto para a política quanto para sua sexualidade se deram praticamente ao mesmo tempo. Nesses momentos iniciais, no ano de 2009, enquanto começava a entender a conjuntura política da cidade, também começou a entender seu corpo, seus desejos. Esse processo de entendimento de si começa, entretanto, com um momento doloroso: o rompimento com sua família.

1.1 O rompimento com a família

Era uma tarde de quarta-feira, dia 28 de maio de 2019. Combinei um encontro com Pamela às 16 horas no Centro Histórico de São Luís, mais especificamente nas escadarias do Reviver. O Reviver é um espaço procurado e frequentado por muitos turistas, mas também um local de sociabilidade do ludovicense², principalmente dos boêmios, dos artistas etc. Nessa época do ano, mês junino, a cidade se volta para as comemorações, o centro respira a cultura junina, enfeitado com bandeiras e muitos turistas registrando esse momento e o fluxo de pessoas se intensifica.

A escolha do local era estratégica e também fazia parte de um momento que a interlocutora vivia. Depois de sua mudança de São Domingos para São Luís, Pamela adotou o sobrenome Reviver, segundo ela “*essa seria uma forma*

² Ludovicense é o natural de São Luís. Pode também ser chamado de são-luisense. O Ludovicense, vem de Ludovico (do germânico "Hlodoviko" que significa "hold", ilustre, afamado + "wig", batalha ou santuário, que originou em francês o antropônimo Louis, que traduzido para o idioma português, se transforma em Luis, que acrescido de "ense" chegou-se ao ludovicense. (Fonte: Dicionário Informal)

de criar uma identificação com São Luís, de me tornar conhecida pela comunidade LGBTIQ+³ que frequenta esse espaço.” Ali, de fato, ela se sentia mais livre.

Como me hospedei ali nas proximidades, em uma rua paralela à Escadaria, cheguei com antecedência e me pus a esperar por Pamela, que também morava próximo, mas precisava pegar uma condução para chegar ao Centro Histórico.

O Centro Histórico de São Luís hoje revive um momento de preservação e ressignificação, especificamente nas escadarias do Reviver, onde combinara o encontro com a interlocutora, há um flerte entre o histórico e suas estruturas estampadas nos casarões e prédios e o contemporâneo, representado pelas pessoas que ali transitam todos os dias. A diversidade se faz presente, sente-se um ar de liberdade e possibilidades que talvez só se viva ali naquela parte de São Luís.



Pamela no Centro Histórico de São Luís
Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

³ Conforme deliberações da 16ª Conferência Nacional de Saúde, realizada de 04 a 07 de agosto em Brasília, a sigla que se refere às políticas públicas voltadas para população LGBT, foi atualizada para LGBTIQ+, QUE SIGNIFICA Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais, Queer +.



Pamela no Centro Cultural Vale do Maranhão

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Chego na hora marcada e espero Pamela, que vem de ônibus. Ao chegar, ela já me explica um pouco exasperada que tivera um atrito no Terminal de Integração da Praia Grande, segundo ela “*uma mulher gordinha riu de mim e cutucou a outra do lado pra ‘mangar’⁴ de mim. Eu achei um absurdo, nunca mais tinha passado por isso*”. Esse relato parece ser algo recorrente quando se trata de corpos trans e travestis, infelizmente transitar no dia-a-dia parece ainda ser uma tarefa difícil, pois muitas violências são direcionadas contra elas, e isso se faz muito presente na fala da interlocutora, quando ela diz que “*algumas travestis parecem corujas, elas vivem a noite e dormem durante o dia, então é difícil encontra-las na luz do dia*”.

Apesar do atrito, a interlocutora tenta não dá importância ao acontecido, mas ao optar “*deixar pra lá*”, ela percebe que está também se deixando violentar. Ela volta e em um tom didático, mas também ameaçador questiona quem riu dela e os ameaça com um suposto punhal que ela guardaria na bolsa.

⁴ Expressão utilizado no Maranhão no sentido de zombaria.

Esse gesto pode aparentemente se mostrar violento, mas no fim é uma forma de defesa criada por Pamela para lidar com essas pequenas e recorrentes violências institucionalizadas, é o retrato de alguém que não se acostumou e tampouco normalizou essas atitudes.

A interlocutora afirma que nunca usou de fato esse punhal, mas que se sente mais segura ao andar com ele, porque de fato *"cada saída é um desafio, eu não sei o que vai acontecer, eu nem sei se voltarei viva"*.

Já mais calma, damos uma volta pelo Centro Histórico. Ela, que já frequenta há cinco meses aquele espaço, me apresenta os lugares, pessoas, comidas. Esse lugar é tão importante na construção dessa nova Pamela, que ela inclusive adota a palavra Reviver como seu sobrenome, como uma forma de homenagear e exorcizar o seu passado em sua antiga cidade natal, mas também como uma estratégia política de reconhecimento que os ludovicenses passem a ter com ela. Mas isso será aprofundado mais adiante.



Pamela na entrada do Palácio dos Leões

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela no Palácio dos Leões

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Resolvemos ir ao Palácio dos Leões, a sede do Governo estadual, um prédio imponente que também é moradia do Governador e que preserva sua história que tem início no século XVII. Por toda essa história que o prédio já traz, percebo que a interlocutora fica um tanto receosa de adentra-lo.



Pamela no Palácio dos Leões

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela no Palácio dos Leões

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Ao final da visita, a guia que nos acompanhou a trata no gênero masculino por duas vezes e isso a incomoda, mas ao mesmo tempo a interlocutora pondera acerca do comportamento da jovem guia e toma para si aquele episódio como uma forma de ensinar a ela como ela deverá tratar as próximas pessoas trans e travestis que transitem por aquele espaço nas próximas vezes. Pamela tem uma voz muito suave e apesar de sua presença impactar as pessoas, aos poucos todos estão envolvidos com sua fala, talvez seja a famosa “lábua de político” como ela mesma afirma *“eu com o tempo tive a que aprender a ser diplomática, a lidar com as pessoas e negociar, eu estou o tempo todo negociando, negocio por exemplo minha presença quando não sou bem querida em um espaço.”*.

De fato, há uma constante negociação e lidar com essa garota talvez seja mais uma, ela pergunta à guia *“já veio, antes de mim, alguma outra travesti ou trans aqui visitar o palácio?”* a resposta é negativa e isso é suficiente para que ela tome a situação como uma forma de criar um precedente e ensinar como elas devem ser tratadas quando outras acessarem aquele espaço.

São Luís é uma cidade com muita história, e a interlocutora está bem ciente de toda essa carga, inclusive quando propõe que visitemos uma placa-

homenagem ao índio Timbiras, que foi o primeiro caso registrado de homofobia no Brasil, Timbiras era da tribo dos Tupinambás, foi morto a mando do capuchinho francês Yves d'Évreux. Seu corpo foi colocado na boca de um canhão e estraçalhado. Seu "crime": era homossexual.



Pamela em frente ao Monumento ao Índio Timbiras. Foto: Rafael Gomes

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela em frente ao Monumento ao Índio Timbiras. Foto: Rafael Gomes
Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Pamela toma a história como uma forma de mudar o presente e o futuro, sua presença na política significa a resistência de um corpo que aparentemente não teria direito a estar ali naquele espaço. Ela escolheu a política como espaço de luta para que não existam outros Timbiras .

Retornamos então para a escadaria do Reviver, e nos sentamos em uma praça onde decidimos conversar. Nesse momento policiais abordam alguns jovens que estão próximos a nós para realizar o famigerado “*baculejo*”, que a grosso modo seria basicamente uma inspeção individualizada em busca de drogas ou outros ilícitos. Mais uma vez a vejo apreensiva, não porque ela porte algo que posso incriminá-la, mas porque aquele corpo já é repreendido socialmente, inclusive pela polícia apenas por existir e estar naquele espaço. Do momento em que nos encontramos até nos sentarmos para conversar, a interlocutora já teve que lidar com três formas de violências simbólicas.

Decidimos então por iniciar essa conversa tendo como parâmetro momentos da vida de Pamela, tendo como início o momento em que rompe com sua família.

A narrativa tecida por ela nesse momento é elemento imprescindível para a construção do que Pamela se tornou até aquele momento, nesse sentido é importante o que coloca Suely Kofes (2001, p. 12) “[...] a memória se constrói no jogo entre lembranças e esquecimentos e, no plano dos agentes, no embate entre o que é lembrado e o que é esquecido, entre o narrável e o inarrável.” A fala de Pamela e o que ela decide me contar é que guiará essa história de vida, tendo como base a importância da narrativa por ela desenhada.

A narração se constitui enquanto um elemento indispensável tanto na biografia, história de vida e na trajetória. Há, decerto, uma ligação entre a narração, rememoração e a (re)composição do sujeito. Segundo Lévi-Strauss (1975, p.225) “a técnica narrativa visa, pois, reconstituir uma experiência real onde o mito se limita a substituir os protagonistas”.

Na narrativa construída por Pamela, o momento inicial de sua trajetória se dá com o rompimento com sua família. É nesse momento que ela começa a viver sua liberdade e sua “*história de verdade*”, como ela decide nomear. É por isso que para o trabalho esse momento é colocado como marco inicial.

A partir desse ponto, o trabalho tenta não se construir enquanto unicamente uma biografia, mas enquanto um relato da experiência de um sujeito. Assim, na tentativa de construir a trajetória de Pamela e delinear suas experiências, foi dada ênfase principalmente a questões relativas a gênero, política e migração.

Repito que não há um esforço em se reconstituir de forma integral sua vida, seria uma tarefa impossível. Nesse sentido, Suely Kolfes (2001, P.14) ao abordar sua tentativa com Consuelo Caiado, diz que.

Há muitos detalhes da sua experiência cotidiana, de vários momentos de sua vida, sobre os quais nada sei: ou porque não é possível saber, ou porque não me disseram, ou ainda porque esta não foi minha intenção nesta pesquisa.

E completa que “assim, não foi possível escapar inteiramente de uma das regras da narração, ou seja da seleção que os agentes fazem do que é ou não contado.”



Pamela em um Café no Centro Cultural Vale do Maranhão

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Pamela nasceu em primeiro de outubro de 1987 no Hospital São Francisco, na cidade de São Domingos do Maranhão. Filha de um pequeno agricultor rural, cearense e segundo Pamela *“muito machista”* o qual é proprietário do maior time de futebol da cidade, e de uma ex-quebradeira de coco de babaçu e que hoje se encontra aposentada, mas já foi enfermeira durante 20 anos.

É a terceira filha de três irmãs, onde segundo relata Pamela *“a do meio adora futebol, coisa que eu odeio. Para ver a contradição né? Ele (seu pai) esperava ter um filho jogador de futebol, e na verdade a filha do meio, até então heterossexual, eu jurava que era seria uma lésbica encubada, mas não, todas as duas são heterossexuais.”*

O rompimento com sua família aconteceu aos 19 anos de idade. Até esse momento Pamela, que na certidão se chamava Jackson, se identificava como um homem gay, mas algo mais a inquietava. Pamela precisava nascer e pra isso, ela precisava fazer uma escolha. Percebendo seu contexto familiar, previu que sua revelação poderia ocasionar uma crise no casamento de seus pais, devido a *“um filho que se veste de mulher”*, isso porque até aquele momento, nas palavras de Pamela *“eles não tinham um entendimento, faltava informação”*.

Ao perceber que o casamento de sua mãe estaria em jogo, ela tomou a decisão de sair de casa, mesmo sabendo do apoio incondicional que sua mãe lhe daria daquele momento em diante. Outro apoio surgiu nesse momento, a primeira-dama da cidade se comoveu com a situação de Pamela, e passou a pagar o aluguel da sua nova casa. A ruptura com a família talvez tenha sido o momento mais doloroso na trajetória de Pamela, mas ao mesmo tempo o mais necessário.

Socialmente, Pamela ainda vivia uma vida agradava aos outros, menos a ela. Suas roupas era na definição dela, *“roupas de boyzinho”*, não utilizava nenhum acessório que remetia ao feminino, inclusive ainda não compreendia as transformações que passavam em seu corpo e em seu psicológico, ela diz que *“os meios de informação naquela época eram muito poucos, eu por exemplo soube o que era transexualidade a partir do programa da Luciana*

Gimenez, foi alí que eu comecei a entender o meu corpo e o que estava acontecendo comigo”.

Nessa época, Pamela e um amigo que também dividia com ela aquele momento de descoberta começaram a praticar um ritual noturno, durante o dia mantinham as “*roupas de boyzinho*” e a noite se “*montavam*” escondidas em terrenos baldios, onde escondiam as roupas que ganhavam de amigas e iam caçar. A caça acontecia principalmente nos postos da cidade, onde elas se relacionavam com caminhoneiros que se encontravam em trânsito. Esse momento de sua vida lhe ensinou bastante sobre como sobreviver a violências, e isso foi possível principalmente porque criaram um pequeno Código de Conduta que deveria ser seguido por ambas.

Nesse Código algumas regras eram importantes serem seguidas para que assim mantivessem sua integridade intacta, como por exemplo: sempre usar camisinha; sempre bater na porta do caminhão durante a abordagem para que não fossem interpretadas como assaltantes ou porque poderia haver uma família ali dentro; não roubar, etc.

A gente criou um Código de Postura, porque a gente via nos jornais casos de transfobia e a gente não queria isso pra nós. Então a gente não poderia roubar cliente, que é bem comum no mundo das travestis e transexuais. A gente não podia transar sem camisinha, porque a gente ia pegar a TIA, a gente sempre tinha camisinha com gel lubrificante. E a gente jamais poderia chegar na porta de um caminhão e bater, porque muitos caminhoneiros viajam com a família, e também porque a cidade já era um pouco violenta então a gente não podia bater porque tínhamos medo de ser confundido como bandido e levar um tiro. Então a gente criou esse Código de Postura que deveríamos seguir a risca. Graça a Deus a gente respeitava ele. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Esse foi o único momento que a prostituição apareceu na trajetória de Pamela, o que segundo ela, “*na nossa cabeça era o seguinte, a gente ganharia o dinheiro dos caminhoneiros para comprar peruca e as roupinhas, porque ninguém ia dar emprego pra gente e ninguém podia saber, entendeu?*”.

Eu levava minha roupinha, escondia num terreno baldio, cobria a roupinha. Oh, é tão triste, dá vontade de chorar, porque eu fico lembrando, a nossa roupinha. A gente roubava a roupinha da irmã da gente, das nossas amigas, sempre a gente te um amiga. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Em 2010, já morando sozinha em uma casa na mesma rua de sua antiga casa, Pamela começa a se envolver cada vez mais com as questões LGBTIQ+ na sua cidade. Surge a Pamela militante, a qual se consolida com a criação da ONG Grupo Gay de São Domingos no mesmo ano.

1.2 De biquíni na Lagoa do Zé Feio

Enquanto constrói uma militância cada vez mais consistente na cidade, Pamela inicia sua carreira política. Sua incursão na política, entretanto, se dá somente em 2012 como candidata a vereadora. Até esse momento, Pamela vivia duas realidades, uma a noite e outra durante o dia. À noite se “montava” e saía para caçar com a amiga, durante o dia vivia uma vida de *“boyzinho, eu ainda precisava me vestir como um boy”*.

Algumas questões aparecem em sua fala como impedimentos para que a Pamela Maranhão surgisse de forma integral, entre eles está o vínculo com a família, o preconceito da sociedade e uma relação amorosa mal resolvida que não a aceitava como travesti.

Entretanto, *“era preciso dar a vazão pra o que eu realmente era”*, esse talvez foi o momento em que Pamela precisou escancarar para a cidade sua condição. Aqui, já não existe mais amor de infância ou qualquer outra convenção que a impedisse de ser quem ela era.

Em 30 de janeiro de 2011, Pamela decide publicar um vídeo no site Youtube intitulado “Pamela Maranhão na Lagoa do Zé Feio”, que inclusive é o vídeo mais assistido da cidade, contando com cerca de 40 mil visualizações.

No vídeo, Pamela de biquíni anda pelo calçadão do ponto turístico mais famoso da cidade, a Lagoa do Zé Feio. Sua ideia era provocar um questionamento, era uma travesti à luz do dia gritando com seu corpo que existia e que aquele lugar também lhe pertencia.



Imagem de Satélite da Lagoa do Zé Feio

Fonte: Google Maps

A ideia da produção do vídeo surge no propósito de criar um impacto visual na cidade, da tentativa de retirar o seu corpo e todos os outros iguais a ela da escuridão e da invisibilidade. Ela conseguiu, mas com um custo. Seu intuito maior era criar um questionamento, que seria, em suas palavras observar *“como seria a reação da cidade, do publico e da sociedade em ter e conviver com a travesti.”* Isso porque a representação travesti que existia até aquele momento na cidade era *“de uma mulher travesti que nunca se mostrou como travesti, ela se comportava só como mulher e era contra o movimento.”*



São Domingos do Maranhão Lagoa Zé Feio - Pamela Maranhão "sambando" contra o PRECONCEITO

37.958 visualizações



112



61

COMPARTILHAR



SALVAR



Pamela na Lagoa do Zé Feio

Fonte: Site Youtube

Em seu blog *Spy SD*, consta notícia datada de 09 de outubro de 2011 com título “Mais de 10 mil visitas: Vídeo de travesti de biquíni na Lagoa do Zé feio é o mais visto de São Domingos do Maranhão”, no texto há uma breve explicação acerca do motivo da criação do vídeo.

E o vídeo gravado as margens da Lagoa do Zé Feio onde traz a travesti pioneira na luta pelos direitos LGBT's Pamela Maranhão num biquíni, salto alto, maquiada, corpo nada de modelo, enfim um protesto feito inteligentemente contra o estereótipo da sociedade sandominguense, o vídeo disponível no Youtube já teve mais de 10 mil visualizações, que já é o mais assistido de toda cidade. Segundo a ONG GGSD LGBT o vídeo foi criado e postado de propósito com alguns tons de ativismo como exemplo a palavra travesti destacada onde a protagonista aperta os seios, e para saber como a população reagiria ao fato do termo “travesti” antes desconhecido pela população local e também onde seria também a primeira pessoa a usar traje de banho quebrando um tabu de 58 anos, pois ninguém até a data do vídeo teve a mesma coragem. (Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 09 de outubro de 2011)

No corpo da matéria há inclusive uma declaração de Pamela feita na época em que tudo ocorrera.

Várias pessoas vem até mim e me diz: Eu tenho teu vídeo na lagoa do Zé Feio no meu celular(...) Estava vindo pela rua Major Delfino Calvo quando um casal numa Hilux parou e disse: Eu conheci São Domingos através do teu vídeo no Youtube, parabéns pela coragem, admirável a sua luta. (Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 09 de outubro de 2013)

Daquele momento em diante ela passou a ser conhecida por todos na cidade, mas a repercussão, entretanto, foi negativa. Foi um choque para uma cidade de 32 mil habitantes, um corpo travesti de biquíni no seu ponto turístico mais tradicional. Mesmo assim, foi a partir do vídeo que ela percebeu que uma mudança poderia surgir. Foi a partir do vídeo que ela começou a se “*aceitar como mulher travesti, mas ainda não completamente*” e também começou a ser conhecida por todos. Era um caminho sem volta, mas felizmente, era um novo caminho.

1.3 A primeira bijouteria

O primeiro símbolo do feminino usado por Pamela nesse novo momento foi um bijouteria que ganhou de uma amiga. Um brinco que poderia passar despercebido, mas que na experiência por ela vivida carrega um enorme significado.

Esse momento foi crucial na construção de Pamela enquanto travesti. O corpo e o que se colocava nele foram construindo o que ela se tornou hoje, *“inclusive eu tive uma amiga que me deu uma bijouteria, eu adorei, foi a minha primeira bijouteria dada por uma amiga. A gente pegava a roupinha da gente ai se montava, já tinha a maquiagem e ia dar uma voltinha nos postos da cidade atrás dos caminhoneiros.”*

Esse ritual passou a ser algo constante na rotina de Pamela e sua amiga durante alguns anos, criavam roteiros pela cidade onde podiam dar vazão aos seus desejos, sua sociabilidades.

Os adereços femininos são importantes na construção da identidade travesti. Nesse tocante, assim como os adereços, as transformações corporais também são imprescindíveis. Benedetti (2005) coloca algumas técnicas que são usualmente utilizadas durante esse processo de transformação e construção do corpo/identidade travesti. Dentro desse processo estão desde transformações simples como uso de uma peruca, manicure ou maquiagem, até a intervenção cirúrgica, administração de hormônios. Inclusive, é nesse momento que passa a ocorrer um fenômeno de cruzamento de fronteiras de gênero. Um limiar entre o feminino e o masculino.

Esse limiar se mantém sob uma ambiguidade que é observada no corpo travesti por Hélio Silva (1993). Nesse sentido, entre o natural e o artificial, local onde luta a travesti para se encontrar, é colocado por Silva (1993) como o seu principal trabalho, que seria o trabalho de correção, “é característico do travesti a latente busca pela identidade feminina e sua coexistência entre essa identidade construída e sua natureza”. Esse ponto de coexistência entre essa identidade almejada e a sua natureza colocada, é o lugar onde a travesti se encontra e qual tenta subverter.

O corpo guarda uma relevante importância na formação e construção dessa identidade, é a partir dele que ela passa a agregar caracteres considerados femininos, pela hormonização, injeção de silicone em algumas partes do corpo e outras tantas modificações. É importante salientar que essas

alterações empreendidas no corpo pela travesti são muitas e varia para cada uma, assim Marco Benedetti (2005, p.55) ressalta que “as alterações corporais são muitas e vivenciadas de diferentes formas”.

Esse processo de fabricação do corpo não é estanque, ele é contínuo e acompanha a travesti durante toda sua trajetória de vida. Dentro desse viés de um corpo em constante construção é importante o trabalho de Marco Benedetti (2005) “Toda Feita”, onde ele traz a rua como um lugar de extrema importância para a sociabilidade travesti, onde ela tece a sua rede social, onde mantém sua sociabilidade com outras travestis e também como *locus* onde a construção desse corpo se torna possível.

Segundo Marco Benedetti (2005) “é no corpo e por meio dele, segundo a teoria do *embodiment*, que os sentidos atribuídos ao masculino e ao feminino pelas travestis, por exemplo, se concretizam.” As travestis, na construção do seu corpo investem tempo, emoção então esse corpo é antes de tudo linguagem, pois é a partir dele que os significados de feminino e masculino passam a ter uma existência concreta e conferem ao indivíduo uma existência social. Como coloca Benedetti (2005, p.55) “é no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos”.

As alterações vão desde as unhas até procedimentos mais invasivos como a aplicação de silicone. Benedetti (2005) tenta identificar uma fase de transição, que seria o momento que há essa passagem do menino para a travesti, esse momento seria quando ele passa a experimentar pequenas alterações, que não seriam irreversíveis, mas que mesmo assim trariam uma significativa identificação com os símbolos do feminino. Na experiência de Pamela, essa primeira bijouteria que ela ganhara de sua amiga foi o momento simbólico de passagem do menino para a travesti a que Benedetti se refere, “*foi dali que comecei a construir em mim um feminino que até então eu não deixava existir*”.

O feminino travesti, entretanto, talvez não seja o mesmo feminino das mulheres, assim coloca Benedetti (2005, p.96)

O gênero das travestis se pauta pelo feminino. Um feminino tipicamente travesti sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluído. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, as vezes apenas esboçado. O feminino das travestis é um constante jogo de estímulos e respostas entre o contexto específico

de determinada situação e os sentimentos e concepções da travesti a respeito dos domínios do gênero. É o feminino travesti.

Na experiência de Pamela, essas modificações passam pelo corpo, mas de forma ainda sutil. O feminino pra ela vem através do vestido vermelho que ela sempre usa, do batom vermelho que segundo ela “*chama a atenção dos homens*”, e o cabelo loiro que tem inspirações hollywoodianas. Inclusive o nome Pamela vem de uma atriz norte-americana chamada Pamela Anderson.



Pamela em uma escola em São Domingos em 2012, dia de votação na eleição em que concorrera a o cargo de vereadora.

Fonte: Acervo pessoal de Pamela

A peruca, especificamente dentro de sua experiência tem um papel de protagonismo na construção desse feminino. Elias Ferreira Veras em seu livro “Travestis, tinta e papel” explana acerca da construção da identidade do sujeito travesti no Brasil no decorrer do século XX, tendo como diferenciação basicamente dois marcos temporais: o “tempo das perucas” e o “tempo dos hormônios ou farmacopornográfico”.



Pamela no Centro Cultural Vale do Maranhão, 2019.

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Em Pamela, as transformações corporais ainda não são uma realidade. Ela carrega em si vários símbolos do feminino, mas optou por não se submeter a nenhuma cirurgia de fato. A experiência de Pamela em São Domingos durante seu processo de construção enquanto travesti a diferencia por exemplo do que Marco Benedetti (2005) coloca em seu livro “Toda Feita” quando traz a figura das “bombadeiras”, que são travestis mais experientes que aplicam silicones e outras substâncias no corpo das mais novas. Esse processo é importante na construção da identidade das travestis que encontravam na rua toda uma sociabilidade com outras iguais a elas. Essa realidade, de ter outras referências para poder construir uma rede de sociabilidade não foi oferecida a Pamela. Ela era praticamente a única travesti na sua cidade.

Até esse momento, Pamela já havia saído de casa, iniciado uma militância consistente na cidade, mas ainda faltava algo. A política surge como um elemento libertador, principalmente quando Pamela começou a perceber que poderia usar toda a adversidade em que vivia como combustível para mudar toda uma realidade social e também mudar a si mesma.

2 A POLITICA NA CONSTRUÇÃO DE PAMELA

Bem antes, no que ela considera como *“meu primeiro contato com a política”*, Pamela foi atendente/recepcionista no Partido Social Cristão no ano de 2010. Ao passarmos em frente ao prédio em que ela trabalhou em São Domingos, ainda na infância, ela aponta com um riso meio debochado no rosto. Hoje, talvez, ela não seja mais aceita lá da forma como é, mas naquela época, ela conta que essa experiência foi importante, *“era um trabalho pra poder comer e ter meu dinheiro”*.

Inclusive, eu trabalhei quando era menino, meu primeiro emprego foi como atendente/recepcionista do Partido Social Cristão. Pra tu ver o quanto eu era despolitizada. Eu julgo essa parte aí que eu era como um espírito de mudança em nossa cidade, como uma terceira via que chegou numa cidade que só tinha duas famílias. Nesse momento as informações eram mais difíceis. Por isso que eu entendo quando eu vejo uma bixa votando em um candidato que não representa ela, isso é falta de busca de conhecimento. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Mesmo ainda não tendo pretensões políticas, nesse momento ela já percebia toda a conjuntura político-social que engolia a cidade há décadas, duas famílias que se revezavam no poder, e que talvez ela poderia ser o que ela chamava de *“terceira via”*.

Posteriormente, outro passo nessa trajetória política foi a criação da ONG Grupo Gay de São Domingos em 2010, que inicialmente surgiu da vontade de dois amigos que era, nas palavras de Pamela, *“os únicos gays afeminados da cidade”*.

Eu conversando com essa outra amiga, que é gay. Que inclusive era minha melhor amiga, nós éramos as únicas duas afeminadas que tinham coragem de sair assim na rua. Aí comparei com os movimentos da cidade, os religiosos, quadrilhas, festas juninas, e não tinha. Tínhamos como referência a parada gay de São Paulo. E aí fundamos a ONG a partir disso aí, em 2010. . Então decidimos fazer uma parada gay na cidade, para saber como seria. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)



Pamela em evento da ONG Grupo Gay de São Domingos

Fonte: Acervo pessoal de Pamela

Agora com a ONG criada, a primeira parada gay da cidade se torna viável e surge como outro momento significativo nesse processo de conquista de espaço e respeito, inclusive talvez o mais difícil de ser realizado até então. Em matéria publicada no Blog *Spy SD*, é anunciado o evento em uma notícia datada de 22 de novembro de 2010 com título “Tá confirmado, a 1ª parada gay da cidade de São Domingos do Maranhão será no dia 28 de Novembro de 2010”.

Os momentos iniciais de produção, entretanto, não foram fáceis. Além de outros empecilhos, autoridades religiosas da cidade tentaram impedir a realização do evento, conforme notícia publicada no Blog *Spy SD*, publicada em 24 de novembro de 2010.

Lideranças religiosas tentam barrar 1ª Parada Gay de São Domingos do Maranhão - Edição 23 -Ano II



Em toda a cidade de São Domingos do Maranhão um evento destacou-se de ultima hora a todo vapor . Falamos da 1ª PARADA GAY DE SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO evento realizado pelo GGSD (GRUPO GAYS SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO). A divulgação da mesma provocou a ira de lideranças religiosas que estão tentando fazer de tudo para barrar o evento . Mais esquecem do DIREITO DE IR E VIR de todos os cidadãos ,direito garantido por lei federal , além disso o evento é realizado em muitas cidades brasileiras como a cidade de São Paulo que hoje tem a maior parada gay do mundo. O movimento é aberto a todos , sem preconceitos de cor , religião,etc...A festa tem como principal objetivo que ninguém é melhor ou pior que alguém . O ato será no dia 08 de Agosto de 2010 com concentração na Praça da Bíblia rumo a Praça do Farol. Na mesma será escolhida a I MISS GAY de São Domingos do Maranhão apresentado pela loiraça "She rá" .Além de tocar o melhor da dance music terá palestras de DST e HOMOFOBIA .

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 24 de novembro de 2010.

O evento acontece e de fato supre as expectativas, apesar dos percalços a aceitação se confirma com a presença significativa de populares. Após a realização do evento, que era colocado como “o evento mais barrado da história de nossa cidade” é ressaltado a presença da população em apoio, e também da importância da ONG Grupo Gay de São Domingos e Flor de Bacaba na organização. A Flor de Bacaba é uma ONG da cidade de Bacabal, próxima a São Domingos, que foi extremamente importante na construção desse movimento na cidade. No texto de matéria publicada no Blog, há também uma tônica de protesto pela falta de apoio financeiro.



Imagem da 1ª Parada LGBTIQ+ de São Domingos do Maranhão

Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 01 de dezembro de 2010

O orgulho, veio do que ela descreveu como “*o fato que calou muitas pessoas foi que não houve depravação como muitos achavam que iria acontecer.*” (Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 01 de dezembro de 2010)

O dia 28 de Novembro de 2010 ficou marcado na cidade de São Domingos do Maranhão, neste domingo aconteceu o evento mais barrado da história de nossa cidade. Às 17:00 horas a Praça do Farol começou a lotar aos poucos, em pouco tempo milhares de pessoas estavam lá para verem de perto o evento inédito em nossa cidade. Estamos falando da 1ª Parada Gay de São Domingos do Maranhão, evento feito com pouco dinheiro, pois segundo o GGSD (Grupo Gay de São Domingos) pessoas que poderiam ajudar cruzaram os braços e não ajudaram em nada, achando que se não ajudassem não aconteceria, mais na medida que muitos não ajudaram alguns apoiaram. Até camisas fizeram, com balões coloridos e a bandeira gay no fundo do palco. Estiveram presentes crianças, jovens, adultos, idosos enfim uma diversidade social. Tiveram ainda a escolha da 1ª Miss Gay 2010 que teve como vitoriosa Palloma Kiss. Palestras de conscientização não faltou sem contar com a participação especial do Flor de Bacaba, entidade LGBT de Bacabal. Segundo o GGSD, esta primeira foi apenas uma pequena prévia do que teremos no ano de 2011. O fato que calou muitas pessoas foi que não houve depravação como muitos achavam que iria acontecer. (Fonte: <http://spysd.blogspot.com/2009/>. Data: 01 de dezembro de 2010)

Esse foi o primeiro manifesto engendrado pelo Grupo Gay de São Domingos do Maranhão sob a presidência de Pamela, mas o que a trouxe de fato para a política foi outro motivo. No ano de 2011, ela inicia seu martírio em busca de um vereador que a apoiasse e levasse a frente o seu projeto de

criação do Dia de Combate à LGBTFobia na cidade, sem sucesso, ela conta que *“a não aceitação deles foi o que me revoltou.”*

A rejeição dos vereadores em levar adiante o projeto de Pamela foi o empurrão que faltava para que ela caísse na política. Ela relata esse momento como um momento de revolta, principalmente porque a fez enxergar que na Câmara dos Vereadores não havia ninguém pela comunidade LGBTIQ+ da cidade. Não se vendo representada, ela precisava estar lá para lutar por ela e por outras.

Ela (a recusa) não me motivou, me revoltou. Porque é aquela coisa, a gente aprendeu que no politicamente correto o vereador é a voz do povo, todo mundo é igual perante a lei, que é o artigo quinto. Então eu disse o seguinte, eu estou vendo os meus direitos desrespeitados, eles não estão respeitando a Constituição Federal.

O não acesso aos seus direitos, impedidos pela negligência dos seus supostos representantes a fizeram abrir os olhos para a realidade LGBTIQ+ na cidade e a começar a trilhar um caminho sem volta, a política. Nesse momento ela se considerava leiga *“não sabia nem que existia a Constituição Federal. Foi a rejeição dos vereadores que me fez conhecer a Constituição, e eu vi que lá no artigo 5º todo mundo é igual perante a lei”*

Eu disse o seguinte, qual a possibilidade de eu me candidatar? Porque até então a gente pensa que só rico, acostumado no mundo feudal que só rico do mundo burguês pode. Eu pensei, porque não? Até então eu era gay, porque não pode ser o gay da cidade? Até então eu já era conhecida como o gay da cidade, a bixa do Pedro Rocha (o nome do pai).

Essa preocupação a respeito do pai apareceu algumas vezes na fala de Pamela, principalmente porque em cidades pequenas é muito comum se atrelar o filho ao nome do pai, como ela coloca *“a bixa do Pedro Rocha”*. Mas isso não foi o suficiente para parar Pamela. Disposta a agir, ela se pôs em busca de uma rede de apoio.

Foi ai que eu entrei para pesquisar candidatas do Maranhão, e não tínhamos nenhum dado referente a primeiro candidato gay, ou primeira candidata travesti. Foi aí que eu notei que travesti era muito, mas muito mais discriminado que um homem gay.

2.1 A revolta me trouxe para a política

Até esse momento Pamela não tinha quase nenhum contato com a política partidária, esse mundo chegou a ela através de um emprego, mas ele a transformou através de uma revolta.

Até esse momento não tinha nenhum envolvimento com política, até mesmo porque eu sempre odiei política, eu era aquele tipo de gente que odiava política. Tinha nojo. E foi justamente quando fui atrás de um vereador, porque para ter um projeto de lei tinha que ter o autor do projeto e nenhum dos vereadores quiseram colocar o projeto porque a cidade é evangélica, então se eles colocassem o projeto de temática gay eles vão perder votos. Então eu me questionei, porque eu não posso me candidatar? (Entrevista realizada em São Domingos, 20 de janeiro de 2019)

Esse de fato foi o momento de mudança na vida de Pamela conforme ela mesma relata, “*a partir dali, tudo se transformou*”. A partir desse episódio ela começou a enxergar a política como uma oportunidade de mudança. Aquele local, até então impensado para corpos como o dela, passou a ser vislumbrado e desejado, afinal era seu por direito.

O projeto foi em 2011, quando estava levando o projeto de criação do Dia de Combate à LGBTfobia. Ao chegar na Câmara Municipal o Assessor da Câmara me explicou que eu deveria procurar um vereador ou caso não consiga, teria que colher tantos por cento de assinatura da população. E aí eu me perguntei. Como que eu vou conseguir tantos por cento de assinatura em uma cidade evangélica com um projeto desse? (Entrevista realizada em São Domingos, 20 de janeiro de 2019)

Com um projeto em mãos e uma perspectiva de mudança, Pamela inicia uma trajetória que se estende até hoje: se tornar a primeira travesti eleita no estado do Maranhão. Dessa forma, passa a utilizar os meios que possui para questionar e tornar claro o papel de um vereador em sua cidade. Em matéria datada de 28 de abril de 2009, no Blog Spy SD, ela questiona, ainda anonimamente, qual o papel de um vereador.

CÂMARA DE SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO "NUNCA " FEZ LEI MUNICIPAL!

Alguém conhece alguma lei municipal criada em São Domingos do Maranhão pela nossa câmara municipal? Obviamente sua resposta será NÃO! Todos sabemos que em nossos dias absolutamente "ninguém "conhece uma lei municipal em prol da cidade. Afinal você sabe qual é o papel de um vereador?

QUAIS AS FUNÇÕES DE UM VEREADOR?

O vereador, de maneira geral, é o representante do povo. No exercício desta função, o vereador é o fiscal dos atos do prefeito na administração dos recursos do município expressos no orçamento. O vereador também faz as leis que estão dentro de sua competência, e analisa e aprova as leis que são de competência da prefeitura, do Executivo. Em resumo, o vereador recebe o povo, atende as suas reivindicações e é o mediador entre o povo e o prefeito.

COMO É QUE UM VEREADOR FAZ AS LEIS?

Através de sua assessoria, o vereador elabora e redige os projetos, apresentando-os, em seguida, em Plenário. Este projeto é declarado objeto de deliberação pelo presidente e manda abrir o processo. Em seguida, o projeto vai para as diversas comissões da Câmara e passa por duas votações. Depois disso, o projeto aprovado vai para o prefeito que pode sancioná-lo ou vetá-lo, ou nem um nem outro.

UM VEREADOR PODE PERDER O MANDATO?

Pode sim. O vereador pode perder o mandato de duas formas: primeiro, por faltar a mais de dois terços das sessões ordinárias da Câmara no período de um ano; segundo, por usar mal o seu mandato na prática de atos de corrupção e faltar contra o decoro parlamentar. Há o caso, também, de o vereador renunciar espontaneamente ao seu mandato.

A PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR: Será que existem verdadeiramente vereadores em São Domingos do Maranhão ?

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 28 de abril de 2019.

Pamela começou a frequentar cada vez mais as sessões da Câmara, atenta a cada passo político tomado na cidade, passou a noticiar tudo o que podia e alcançava nas redes através do *Blog Spy SD* e posteriormente no *Blog da Pamela Maranhão*. Em 06 de fevereiro de 2012, ela e uma amiga causaram um certo *frisson* na cidade quando decidiram ir montadas assistir a uma sessão na Câmara dos Vereadores. Era a primeira travesti a adentrar aquele espaço.

A presença de uma mulher travesti naquele meio tão inimaginável para aqueles corpos passaria a ser cada vez mais comum na rotina daquele lugar.

**NOTAS RÁPIDAS - Um giro de notícias do que aconteceu em São Domingos do Maranhão - Edição 82 - Ano II
PAROU TUDO !**



Na sessão de abertura dos trabalhos 2012 da câmara municipal dos vereadores de São Domingos do Maranhão do dia (26 Janeiro) uma cena INUSITADA E NUNCA ACONTECIDA em nossa cidade parou o centro da cidade e teve até vereador com cara de surpreso e poem surpreso nisso , é isso mesmo em protesto a Presidente do GGSD- *Grupo Gay São Domingos do Maranhão* a travesti Pamela Maranhão e Hagadah Muniz foram assistir o que acontece lá na "casa do povo" , e não é que depois das ativistas entrarem chegou depois várias pessoas para assistir ! É precisamos de mais visitas de travestis para

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 06 de fevereiro de 2012.

“Foi impactante porque eles não esperam nos ver lá. Na verdade eles nem esperam que agente exista, enquanto estivermos aqui vai ter travesti nas sessões sim.” A partir desse dia, a presença de Pamela passou a ser cada vez mais constante, principalmente depois de perceber que a população raramente frequentava as sessões e que, além disso, era recorrente a não realização por falta de quórum dos vereadores.

No Blog Spy SD são várias as matérias em dias alternados que noticiam a não realização de sessões por causa da não presença dos vereadores. Em noticia publicada em 02 de dezembro de 2010, é exposta essa realidade.

DIRETO DA CÂMARA - Por falta de vereadores , sessão desta quinta feira/02/12/2010 não aconteceu ! - Edição 36 - Ano II



Se você achava que a falta de projetos na câmara municipal de nossa cidade já são rotinas daquela casa , fique sabendo que nesta quinta feira 02/12/2012 , acredite por causa da falta de vereadores a sessão não pôde ser iniciada ! é isso mesmo a sessão que acontece apenas UMA VEZ POR SEMANA tem vereador que falta ! pois segundo as regras daquela casa o pleito só pode ser iniciado com cinco ou mais vereadores presente . Pelo incrível que possa parecer a população que deveria estar lá presente para cobrar melhorias para a nossa cidade como um todo está cada vez diminuindo , onde dificilmente temos no máximo 10 pessoas esse "recorde " vergonhoso vem diminuindo cada sessão que passa ! MUDA SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO!!!!

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 02 de dezembro de 2010.

Desse episódio resultou um intenso processo de aprendizado e de entendimento das engrenagens do que move a política. Foi estudar as leis, *“não sabia nem que existia a Constituição Federal. Foi a rejeição dos vereadores que me fez conhecer a Constituição, e eu vi que lá no artigo 5º todo mundo é igual perante a lei.”*

Desse momento até sua primeira candidatura pouco tempo se passou. Sua primeira candidatura foi em 2012, e a sua chegada até ela foi aparentemente tranquila, tendo em vista que ela foi procurada pela presidenta do Partido dos Trabalhadores de sua cidade com uma proposta de filiação.

A presidenta do PT foi atrás de mim e disse o seguinte ‘tu quer se filiar no PT’ e eu perguntei porque, e ela falou foi e disse que o PT defendia a categoria, defendia a causa. Ela totalmente politizada me convidou. Nesse momento eu disse que poderia entrar para o PT com a seguinte condição, se me lançarem como a primeira travesti da

cidade ao cargo de vereador. Ela disse ‘Seja bem vinda companheira’. Me filiei no PT em 2011. E Começou tudo. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Ela então começou a vislumbrar uma candidatura como possível. Porque não?

Eu disse o seguinte, qual a possibilidade de eu me candidatar? Porque até então a gente pensa que só rico, acostumado no mundo feudal que só rico do mundo burguês pode. Eu pensei, porque não? Até então eu era gay, porque não pode ser o gay da cidade? Até então eu já era conhecida como o gay da cidade, a bixa do Pedro Rocha (o nome do pai). Então foi ai que eu entrei para pesquisar quantas candidatas do Maranhão, e não tínhamos nenhum dado referente a primeiro candidato gay, ou primeira candidata travesti. Foi aí que eu notei que travesti era mui, mas muito mais discriminado que um homem gay. Aí eu decidi entrar na politica de homem gay. Nesse momento minha amiga diz ‘Pamela não é melhor tu entrar vestida de homem por causa do conservadorismo?’ Eu disse, porque não? A gente tá na chuva é pra se molhar, qual o problema de entrar como travesti? E realmente começou, eu primeiro entrava como homem e depois virava travesti. Mas se é pra ser militante. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Filiou-se ao PT em dezembro de 2011, começou sua carreira na politica partidária, inicialmente como vereadora no ano de 2012, depois como deputada estadual no ano de 2014, novamente como vereadora em 2016 e como deputada estadual no ano de 2018.



Pamela no Diretório do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Luís, 2014.

Fonte: Acervo pessoal de Pamela

2.2 A primeira travesti da cidade candidata ao cargo de Vereadora

Em 2012, Pamela decide dar o primeiro passo nessa jornada. Se candidata a vereadora pela cidade de São Domingos, era a primeira travesti na história da cidade a conseguir tal feito. Os caminhos que a levaram até esse momento não foram fáceis e o que vinha adiante também não seria.

Eleição de 2012 entrei como primeira travesti candidata a vereadora na cidade, e já foi o maior babado da cidade, o maior rebuliço. Inclusive a foto de minha urna, eu estou de travesti, porem com o nome masculino, porque ainda não tinha a politização do nome social na campanha. Não tinha. Não fui acompanhada em nada disso ai. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Durante a campanha ela não assumiu a identidade travesti 24 horas por dia. Pra campanha, ela se “perucava” e após a campanha voltava a ser o rapaz gay, que aos poucos foi se apagando.

Aí eu decidi entrar na politica de homem gay. Nesse momento minha amiga diz ‘Pamela não é melhor tu entrar vestida de homem por causa do conservadorismo?’ Eu disse, porque não? A gente tá na chuva é pra se molhar, qual o problema de entrar como travesti? E realmente começou, eu primeiro entrava como homem e depois virava travesti. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Essa estratégia foi aos poucos se mostrando insuficiente, ela percebia que estava se boicotando. A oposição, entretanto, se utilizou de sua condição como uma arma para denegri-la, era inadmissível uma candidata travesti e quem a apoiasse corroborava com essa “*imoralidade*”, como eles chamavam. *“Eu era ‘perucada’, ia de peruca linda e maravilhosa e logicamente a oposição aproveitou e dizia que o outro candidato não era um bom candidato a prefeito porque apoiava o candidato que se vestia de mulher.”*

Ela vivia assim, duas vidas: uma a noite e outra durante o dia. Criou táticas para poder viver sua sexualidade. Mas aos poucos foi percebendo que conformar seu corpo para parecer aceitável naquele meio era mais uma violência que ela estava ao mesmo tempo cometendo e deixando que cometessem contra ela.

Mesmo ‘perucada’, ela ainda tinha que lidar com outra pequena violência, “na foto de minha urna, eu estou de travesti, porém com o nome masculino, porque ainda não tinha a politização do nome social na campanha. Não tinha. Não fui acompanhada em nada disso aí.”



Folheto de sua primeira candidatura a vereadora pela cidade de São Domingos, no ano de 2012.

Fonte: Acervo pessoal de Pamela

O nome social é o nome pelo qual pessoas transexuais, travestis (em geral) ou qualquer outro gênero preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado, que não reflete sua identidade de gênero. A identidade do nome social é vinculada com a identidade civil original.

Pamela Maranhão 13024

Pamela Maranhão é candidato ao cargo de vereador de São Domingos do Maranhão/MA pelo PT

RESULTADO DAS ELEIÇÕES EM SÃO DOMINGOS DO MARANHÃO/MA

Dados do candidato		Dados pessoais	
Nome na urna:	Pamela Maranhão	Nome completo:	Jackson Lima da Silva
Número:	13024	Sexo:	Masculino
Situação da candidatura:	Deferido Fonte: TSE. Atualizado em 30/03/2018 às 20:17	Idade:	29 anos
Situação da candidatura após eleição:	Suplente	Data de nascimento:	01/10/1987
Município:	São Domingos do Maranhão, Maranhão	Ocupação:	Outros
Partido:	PT - Partido dos Trabalhadores	Grau de instrução:	Ensino Médio Completo
Coligação:	Avante São Domingos	Estado Civil:	Solteiro(A)
Composição:	PP / PC do B / PSB / PT / PMN / PT do B		

Extrato com as informações da candidata ainda com o nome de registro.

Em âmbito federal, o Decreto nº 8.727, da Presidência da República normatizou o uso do nome social pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Em Abril de 2016, na semana das Conferências Nacionais Conjuntas de Direitos Humanos, foi publicado o Decreto Presidencial Nº 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal. Nome social se refere à designação pela qual a pessoa travesti ou transexual se identifica e é socialmente reconhecida.

No Maranhão, somente em 2019, com a lei N. 11.021 de 14 de maio de 2019, passou-se a dispor sobre o reconhecimento e direito do uso do nome social para pessoas trans nos órgãos da Administração Pública Estadual e dá outras providências.

O avanço permite o direito de uso do nome social da população de pessoas trans, sejam usuários, funcionários ou terceirizados nos órgãos, serviços e programas da Administração Pública Estadual do Maranhão. Desse modo, deve constar em todos os formulários o campo 'nome social' e pessoa que se sentir lesada poderá denunciar o órgão pelo não cumprimento da lei.

Art. 1º - Fica reconhecido o direito de uso do nome social da população de pessoas trans, sejam usuários, funcionários e ou terceirizados nos órgãos, serviços, e programas da Administração Pública Estadual do Maranhão.

Art. 2º - Entende-se por nome social o nome escolhido pelos usuários, funcionários e ou terceirizados para identificação pessoal no caso de inadequação entre o sexo biológico e a identidade sexual, bem como a forma que se reconhecem, são identificadas, reconhecidas e denominadas por sua comunidade e em sua inserção social.⁵

Somente a partir de 2016, quando se candidata a deputada estadual, Pamela passa a ter seu nome social nas urnas também. Essa era apenas mais uma dentre tantas violências. Ela entrou na política para se libertar, mas estava

⁵ LEI Nº 11.021, de 14 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.sedihpop.ma.gov.br/files/2019/01/Lei-11.201.2019-Disp%C3%B5e-sobre-o-direito-do-uso-do-nome-social.pdf>

se aprisionando, *“eu estava lá porque percebi que não tinha nenhum corpo igual ao meu lá me representando, mas me vi tentando ser algo que não era”*. Esse questionamento a perturbou durante todo o restante da campanha, com o resultado das eleições, uma derrota, ela percebeu que escolhera a estratégia errada.

Após a campanha ela decide por fim viver apenas uma vida que ela sempre quis mas que foi impedida. É o nascimento de Pamela, *“eu percebi que não tinha porque eu me esconder, a política é um lugar que eu quero realizar mudanças, e ela tem que começar por mim, vão ter que me aceitar do jeito que eu sou.”*

A política surge na vida de Pamela como um caminho de autoconhecimento, um elemento também de compreensão e aceitação de sua travestilidade, pois foi da negativa dos vereadores em um primeiro momento, ainda em 2011, que a fez entender que era preciso ela, enquanto travesti, ocupar um espaço de representação naquela cidade para se sentir representada. E agora, a política também se mostrou como um lugar que a fez entender que se aceitar e se assumir por inteira enquanto travesti era o único caminho.

Nesse período, não era apenas o medo que impedia Pamela de se aceitar como mulher travesti. Ela conta de um amor de infância, algo que ela chama de *“Romeu e Julieta gay”*.

Até então ainda não me assumia enquanto mulher travesti 24 horas por dia por causa do boy magia. Tinha um boy que pedia pra eu não me assumir 24 horas. Ele dizia assim ‘Se monta, se veste, aí se desveste e vem pra mim’, tipo, te aceito como menino, mas não como mulher travesti, porque se eu quiser uma mulher normal eu vou procurar. Até então eu entendia perfeitamente porque ele é bissexual, então eu entendia a ideologia sexista maldita dele. Então foi por esse motivo de eu não ter assumido uma identidade 24 horas. Pelo amor de infância. (Entrevista realizada em São Domingos, 20 de janeiro de 2019)

Esse processo de negociação com seu corpo durou o suficiente até ela perceber e entender sua relação com o *‘boy magia’*, que inicialmente era um sexo descompromissado e passou a se tornar amor. Esse amor, que para ela era proibido, passou a dominar suas decisões.

O boy magia foi meu amor de infância, que morava na mesma rua e a gente sempre se encontrava e a gente se envolveu porque a gente tem que saber o que é o amor e o que é o sexo. A gente fazia sexo antigamente, só que depois a gente sentava pra conversar, então se tornou o amor com sexo. Aí é que a gente se lasca todinha. Ele por ser se outra família conservadora também, parece Romeu e Julieta gay. Ele de uma família machista não podia se assumir, porque a família dele era muito mais conhecida. Entendeu agora como era a confusão. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

A desilusão desse amor e a necessidade de acessar outros espaços e se afirmar enquanto uma mulher travesti foram os propulsores para que ela se assumisse 24 horas por dia como travesti. Nessa transição, ela conta que teve algumas crises suicidas, era um momento de descoberta. Todas as informações que ela tinha sobre o que ela estava passando eram buscadas na internet, inclusive em programas de TV, que foi onde ela passou a entender a travestilidade.

A parte amorosa mesmo, de amor, o único homem que eu amei de verdade foi ele, inclusive eu tive uma crise suicida porque eu não sabia porque ele dizia que gostava de mim e ficava com mulher. Tu entende o perigo disso aí. Nós somos uma bomba relógio, a gente pode explodir e eu tive uma crise suicida justamente na orla da lagoa, era pra eu ser a sereia do Zé Feio.

A primeira tentativa de suicídio foi quando se assumiu pra sua mãe. Em tom de alerta, ela diz:

Tu pode acrescentar que é comum a gente ter crise suicida, porque a sociedade, ela só te manda se suicidar . Se tu for forte tu continua vivo lacrando, se tu for fraco, tu se suicida. Por isso que eu entendo quando vejo uma pessoa, porque é muita pressão. Imagina numa cidade evangélica. Numa cidade pequena é só tu mesmo. E ainda tem aquela coisa, não é fulano de tal, é o filho de fulano de tal, além de te apontar, vão apontar a tua família. Porque tu acha que eu não me assumi anteriormente, foi porque eu não queria ver meu pai, que era o homem mais honesto que eu conheço, como ponto de referencia, sendo motivo de chacota na cidade, na boca daquele povo imundo. Eu não queria ver minha mae ouvindo ‘ah, é culpa da Maria porque ela não bateu’, porque tu sabe que no interior quando a pessoa é gay dizem que a culpa é da mãe, sempre a mãe é culpada. Por isso que foi tardia, foi tardio pra eu me aceitar. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Essa relação amorosa que a impedia e a opção se manter apenas “perucada” durante a campanha são apontadas por Pamela como “*um boicote*”

que pratiquei contra mim mesma”. Ela precisava de mais, ela não era ainda uma travesti, mas precisava se tornar, o seu corpo gritava por isso.

Teve o processo eleitoral, onde tive 70 votos, na verdade 69, to contando com o meu. E pra uma cidade em que as pessoas votam pelo modo tradicional, por um saco de cimento, por um emprego na família. Segundo os especialistas dizem que foi muito voto, porque foi a primeira vez que o homem que se veste de mulher, na verdade não era travesti, apesar de eu falar diversas vezes a travesti da cidade, a travesti vereadora, eu era um homem que se veste de mulher. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Até aqui, Pamela era vista como “o homem que se veste de mulher”, mas no seu íntimo ela sabia que era muito mais que isso, “eu já era uma travesti, mas não assumi isso naquele momento nem pra mim”.

Em matéria publicada no dia 21 de dezembro de 2012, no *Blog Spy SD*, após a sua derrota nas eleições municipais, no qual concorreu como vereadora, Pamela fala em um tom de desabafo.

SPY ENTREVISTA – “ Quem perdeu na verdade foi o povão de São Domingos do Maranhão que terá mais 4 anos sem saber o que faz um vereador , eu fiz a minha parte “ Declara PAMELA MARANHÃO – Edição 98 – Ano III

SPY ENTREVISTA – Você é a primeira travesti do Estado do Maranhão a concorrer em um cargo político , você acredita que o preconceito fez parte desta derrota ?

PAMELA MARANHÃO – Primeiro porque não vejo isso uma derrota , vejo isso como um grande aprendizado de vida , apenas faltou a parte que não dependia de mim , onde mencionei acima , então a derrota não é minha . Olha na verdade tenho que te falar que para vereador o povão ele não gosta de votar em pobre, falei em cima de palanque inclusive NUNCA ESCONDIA MINHAS RAÍZES sou uma pobrinha sim , mas uma pobrinha DIGNA , HONESTA , que não preciso enrolar ninguém para me dar bem . Mas infelizmente o povão que na maioria são pobres não confiam em pobre , ou até mesmo são vencidos pela famosa hierarquia , é o famoso ditado :professor não vota em professor, assim como gay não vota em gay . Preferem votar em rico achando que um dia poderá ganhar " uma migalha" Muito triste mais essa é a pura realidade.

SPY ENTREVISTA – Pamela Maranhão você sem dúvida foi a candidata que deu o que falar nas esferas da política local de todos os partidos , o seu slogan : “ Se é pra melhorar bota a Pamela lá “ foi um dos mais falados , mas o que aconteceu que a Pamela não chegou lá ?

PAMELA MARANHÃO – Primeiramente é um prazer retornar a este quadro maravilhoso SPY ENTREVISTA para mostrar o verdadeiro lado da moeda e expressar a verdade . Então quando me candidatei não foi por acaso ,vi sim a necessidade de ter alguém na câmara municipal que estivesse comprometida com o povo de verdade , cansei de ver vereador falar que representa o povo e falta sessões que inclusive este blog SPY SD mostrou várias delas , que até falei em meus discursos sobre isso , já que o povo não vai assistir as sessões , falei sim ao povão a importância de renovação legislativa , pois no meu ver vereador que não vai pra sessão não merece um cargos destes , cansei de esperar vereador mostrar seu trabalho que inclusive você pode sair na cidade e perguntar ao povo o que faz um vereador ? creio que 95% não irão dar a resposta certa, infelizmente isso é um fato da falta de informação . Então o que deu de errado ? FALTOU CONSCIENTIZAÇÃO DA POPULAÇÃO ! essa minha resposta a sua pergunta .

O entendimento de Pamela com sua travestilidade aumentava conforme ela entendia que enquanto travesti ela também poderia acessar aquele local

que até então era impensado para corpos como o dela. Se conformar e continuar aquele “boicote” não era, definitivamente, o caminho que decidiria escolher.

2.3 O papel da política na construção da identidade travesti

Foi então que em 2014, ela tomou uma atitude que dali em diante mudaria toda sua trajetória *“foi em 2014, quando eu disse o seguinte se eu fui a primeira travesti candidata a vereadora, mesmo não sendo totalmente como eu queria, porque eu não posso ser a primeira travesti candidata a deputada estadual?”*.

Agora decidida a viver a Pamela Maranhão em sua plenitude, 24 horas por dia, independentemente das consequências, ela se empenhou em uma nova e maior empreitada: se candidatar a deputada estadual.

Foi aí que levei mais uma vez pro PT, porque no PT a gente leva o projeto pra ser aprovado, tudo no PT é uma assembleia, reúne para debater. Ai eles aceitaram e eu disse assim ‘Oi, como vocês aceitaram?’ eu mesma me espantei. Então, em 2014 me candidatei como primeira travesti do Maranhão candidata ao cargo de Deputada Estadual. Foi ai que eu disse o seguinte ‘Namoradinho que não me aceita vai pra puta que pariu, toda sociedade de São Domingos vai pra puta que pariu, porque eu saí revoltada, pra tu ver como é a revolta, só ganhei 70 votos. Ai me aceitei como travesti e coloquei meu apêndice, em 2014. Foi por medo que eu não obtive um resultado maior. Em campanha a gente analisa quais foram meus erros e meus acertos na campanha anterior, e eu vi que meu erro foi me desmontar, virar menino e me montar e virar menina, então eu pensei que 2014 seria diferente. Fiz meu apêndice e me vesti 24 horas. Só que aí que tá, o preconceito subiu 400%. Agora tu sabe o que é todo mundo te apontar? Todo mundo ter uma opinião pra te apontar? O maranhense tem uma coisa que eu acho abominável, que é de cutucar a outra pessoa pra incitar a outra ao mesmo que ela. Foi ai que minha travestilidade aumentou, o boy magia não quis mais falar comigo. Imagina teu amor de infância te deixar. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

O preconceito aumentou e o seu entendimento a respeito de sua condição também. Ser travesti passou não ser apenas uma questão dela, mas um ato político e fazer política enquanto travesti era ainda mais desafiante.

Essa transição entre *“o homem que se veste de mulher”* até chegar a *“mulher travesti”*, como ela se denomina hoje, foi gradual. É importante ressaltar que na presente pesquisa, o termo travesti é utilizado a partir da auto

identificação da interlocutora com o termo, o que, dentro da pesquisa, perpassa pelas transformações corporais, modos e práticas sociais e as relações com a sexualidade. Assim, como também é utilizado o termo “travestilidade”, o qual segundo Pelúcio (2007) estaria mais de acordo com a multiplicidade da experiência de construção desses corpos, ou seja, ele engloba diversos aspectos que formam a pluralidade desta categoria de identidade o que demonstraria as múltiplas experiências das vivências de tantos travestis.

Conceitualmente, o termo travesti, dentro da acepção proposta por Benedetti (2005) é uma identificação de certa forma complexa, a qual é orientada por valores e práticas que não pode ser unicamente entendida apenas como uma busca por um ideal de feminilidade das mulheres cisgêneras. Tem, sobretudo, caracteres de uma realidade corporal e social específica que se estabelece nos referenciais de um feminino que se considera próprio, localizado nem dentro, nem fora das categorias normativas da divisão social e sexual, mas vividos nos trânsitos e na processualidade do corpo e da sexualidade.

Pelúcio (2009), afirma que é através de *símbolos do feminino*, que atuam sobre corpos socialmente pensados como masculinos, que as travestis tentam reconstruir um corpo feminino, inscrevendo-o, bem como a seu gênero e sexualidade, em práticas e lugares de ambiguidade, ressignificações e conflitos. Essa corporalidade vivenciada pelas travestis, símbolo visível de seu projeto identitário, se constitui através das relações sociais que extrapolam os limites do próprio corpo.

Essas possibilidades do corpo podem ser exploradas de diferentes formas pela travesti, nesse sentido o termo “travestilidade” colocado por Pelúcio (2007) funciona como algo que afirma o caráter múltiplo da experiência que simboliza a construção desses corpos, ainda que se mantenha presente uma certa rigidez no gênero, entretanto, ela coloca que essa rigidez é consequência do que se experiência dentro do modelo compulsório heteronormativo, o que não exclui o caráter ambíguo que o corpo travesti pode encerrar.

O termo travestilidade, segundo Pelúcio (2007) “engloba os variados aspectos que compõem a pluralidade desta categoria de identidade, sinalizando as multiplicidades da experiência do cotidiano de tantos (as)

travestis, na construção e desconstrução dos seus corpos, ao invés de “travesti”, “travestismo” que muitas vezes, é visto de forma simplificada.

A experiência travesti é múltipla e não necessariamente a mesma por exemplo do que se observa no modelo de experiência trans. São vivências e contextos diferentes que perpassam continuamente esses corpos, o que conseqüentemente cria uma identidade travesti, e essa identificação traz reflexos em um posicionamento político específico. Assim explana Marco Beneddetti (2005, p.96)

De fato, a maior parte não se iguala às mulheres, nem tampouco deseja fazê-lo. O feminismo travesti não é o feminino das mulheres. É um feminismo que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses polos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes do gênero.

Essa percepção de diferenciação das categorias, travesti e transexual, se torna relevante quando se passa a observar as características específicas de cada indivíduo, seu contexto social, político e conseqüentemente suas demandas, os quais também serão diferentes. Sendo assim, deve-se evitar uma homogeneização de experiências.

Assim Ilana Mountian (2015, p.34) coloca, a identidade travesti diversa da mulher trans, e ressalta o caráter político da afirmação dessa identidade.

É relevante ressaltar alguns aspectos desse debate, pois trata-se de uma posição identitária, uma identidade política sexual, da identidade das travestis que muitas vezes viveram a exclusão social de forma veemente, muitas vieram de classes menos favorecidas economicamente, viveram a violência racista, e muitas vezes trabalharam no mercado sexual.

Essa diferenciação dentro dos debates se faz também porque as experiências trans não são as mesmas da travesti, assim o posicionamento identitário travesti é também político.

Essa discussão surge também da tentativa de institucionalização do termo “transgereno” como um termo que incorpora todas as identidades, o que sugere conseqüentemente uma homogeneização de experiências. O que se torna uma violência, pois acaba por desconsiderar as experiências especificidades de cada identidade. Assim é importante que se considere as

especificidades, seu contexto social e político. Como afirma Siqueira (2004), a travestilidade é observada como uma identidade política sexual, onde não se pode homogeneizar a categoria travesti, tendo em vista ser necessário um entendimento dela enquanto uma identidade política, pois traz consigo uma diversidade de vivência e experiência específica.

“*Se assumir como travesti é um ato político*”, é uma bandeira que Pamela assume dali em diante e reforçada em 2014 como Deputada Estadual.

Na verdade sempre fui empática, sou libriana. Da a entender que tipo ‘ah, ela tem um projeto pra ela, um projeto político pra mudar de vida’. Da a entender que eu quero ganhar o dinheiro como política e me dar bem, né. Eu me coloco no lugar de outras pessoas. Eu sei o que uma travesti passa e eu vi a gente não tem representatividade mesmo. Então eu queria que fosse abordado em sala de aula, em todos os lugares a LGBTfobia, para que justamente o que eu passei, outras não passassem. (Entrevista realizada em São Luís, 15 de abril de 2019)

Foi notícia em vários veículos de mídia, Pamela fez história ao se tornar a primeira travesti candidata ao cargo de deputada estadual no estado do Maranhão, naquele momento com 26 anos. Diferente das eleições passadas, onde o seu nome de registro ainda aparecia nas urnas, em 2014 foi autorizada a usar o nome social nas urnas, “*inclusive enquanto candidata a deputada estadual fui a primeira candidata da historia do Maranhão que fui pro horário político e falei sobre LGBT, antes não existia isso.*” Construindo sua carreira com auxílio de poucos, e sentindo rejeição de muitos, ela buscou referências em outro lugares.

Inclusive eu digo “De São Domingos do Maranhão, a terra do abacaxi. Sou Pamela Maranhão, a estadual travesti.” Que inclusive eu copiei da Leo Kreti, de Salvador, que foi a primeira travesti vereadora de Salvador. Ela ganhou porque Salvador passava por um momento de voto de protesto, e eu fui buscando referencia na internet no Brasil né, porque no Maranhão não tinha, tive que procurar em outra cidade. Poderia ser uma coisa mais chamativa, mas como o PT tinha mais candidatos, infelizmente eles tinham que trabalhar outros candidatos. Tipo assim, ficou apagada. Mas eu tirei 974 votos para Deputada Estadual em 2014. (Entrevista realizada em São Luís, 15 de abril de 2019)

Entretanto, novamente não foi eleita. Apesar de tudo, teve uma votação expressiva, mas ainda continuava tendo que lidar com os mesmos problemas.

Logicamente eu sabia que não ia ser eleita, porque a gente sabe como é o sistema. A gente sabe que o sistema é burguês, feudal, quem vai ganhar é o médico, o arquiteto, aquela coisa né. O pobre infelizmente não vota no pobre. Principalmente no Maranhão de Sarney, aquela coisa prejudicial que a gente já conhece. Então, mais pela visibilidade e pra mim 'vomitar' aquilo que tava entalado a muitos anos perante a sociedade. Foi o que eu fiz. Inclusive meus discursos, que era o único voltado pra diversidade, eu mostrava que era muito melhor votar no gay da cidade do que votar no político que enganava eles. Era muito melhor votar em quem mostrava aquilo que se mostrava pra sociedade de fato (ela enquanto travesti 24 horas) do aquele político que só batia em suas costas em dia de eleição. (Entrevista realizada em São Luís, 15 de abril de 2019)

Apesar dessa constatação, em 2016 Pamela se candidata novamente para o cargo de Vereadora. Dessa vez, entretanto, o resultado traz uma perspectiva ainda mais frustrante, os votos diminuíram consideravelmente, e dessa vez, as desculpas continuavam sendo as mesmas. De 70 votos alcançados na Eleição de 2012, alcançou apenas 27 votos.

Esse resultado não foi o suficiente para desanima-la, quando questionada se continuaria a carreira política, ela é enfática.

SPY ENTREVISTA – Quer dizer que mesmo não ganhando como vereadora , você ainda assiste as sessões ?

PAMELA MARANHÃO – E porque não assistiria? meu bem eu sou uma cidadã que adora pagar meus impostos em dias , e olham que são muitos , eu contribuo como ninguém para ver essa cidade um dia digna para se viver , se eu não lutar por ela em vários níveis ela será sempre o que é hoje , uma cidade que tem uma br (rodovia federal) que não sabe o que é um simples terminal rodoviário , entendeu né ? Não vai achar que sou uma pessoa de cabeça limitada , eu tenho sonhos bem maiores que certos empresários desta cidade , sou jovem , mas não penso como muitos daqui que só pensam em casar e ter filhos e viver de bolsa família , creio que posso alcançar uma vida bem melhor , até tenho meu slogan de vida : A GENTE É AQUILO QUE A GENTE QUER .

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 21 d dezembro de 2012.

Pamela considera que as sucessivas derrotas tem algumas explicações, uma passa pela transfobia, outra, e talvez a mais persistente, seria a prática política da cidade, baseada na compra de votos, favorecimento. A perspectiva de que seu corpo nunca seria aceito na cidade atormentava constantemente Pamela. Essa realidade, inclusive, foi possível perceber enquanto andávamos no Centro de São Domingos e ao passarmos por um Ponto de Mototaxistas,

muito comum em cidades pequenas, ela me conta sobre um episódio peculiar em relação aos mototaxistas de sua cidade.

Durante sua primeira campanha, ainda em 2012, havia recusa dos mototaxistas em atender-las (travestis), para não serem atrelados a elas socialmente, *“ate pra pegar um mototaxi era um preconceito muito grande, porque la é o seguinte: se o mototaxi te levou, tu ta ficando com aquele mototaxi”*.

Esse exemplo do mototaxista pode ser facilmente aberto para os demais membros da sociedade. As pessoas simplesmente não queriam atrelar sua imagem à de uma candidata travesti, havendo inclusive receio até mesmo por parte de membros da comunidade LGBTIQ+, que chegavam a apoiar outros candidatos evangélicos que levantavam um discurso de ódio e discriminação.

Inclusive, em 2012, Pamela conta que.

Tinha até gente que queria botar o cartaz (de sua candidatura na porta de sua casa, prática comum no interior) mas a pressão social era muito grande, se colocar o cartaz é viado também. Infelizmente as pessoas agiam dessa forma, se fala com viado é viado, se mototaxista anda com viado, é viado. Infelizmente isso foi muito prejudicial.

Mas o assistencialismo infelizmente mais um vez foi muito prejudicial pra sua campanha solitária. Até mesmo a comunidade LGBTIQ+, não comprou suas ideias.

Os LGBTs que podiam votar, mesmo em Offline, houve o que eu chamo de Racalquefobia, falavam ‘Eu vou votar demais nesse viado, quero votar em fulano de tal porque é homem e gostoso’. Perdi vários votos, porque vários viados votarem em um candidato policial de la porque ele tinha os olhos azuis. Pra tu ter ideia de como é as coisas.



Pamela nas eleições de 2018
Fonte: Site Eleições2018.com

Em 2016 foi reeleita pela ONG Grupo Gay de São Domingos, foram dois mandatos consecutivos. Em 2018, mais uma tentativa a Deputada Estadual, nesse ano a quantidade de transexuais e travestis no Brasil era quase 11 vezes maior que em 2014.

Um levantamento feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) aponta que, no Brasil, em 2014, havia apenas 5 candidatas trans, enquanto, no ano de 2018, contam-se 53, indicando um aumento de quase 11 vezes, conforme notícia veiculada no site O Imparcial⁶, site de notícias maranhense que veiculou matéria especial sobre Pamela em 14 de setembro de 2018.

Não conseguindo a reeleição, e tendo ainda menos votos, ela decide por fim desistir, mas não da política, e sim de sua cidade. Além de conjunturas políticas, decisões partidárias que a desfavoreceram, ela chega à conclusão de que ali não é mais seu lugar, que é preciso alçar voôs, ou como ela mesmo diz “*eles não me merecem.*”

⁶ KURY, Giovana. **Pâmela Maranhão, a única candidata travesti do estado**. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/politica/2018/09/pamela-maranhao-a-unica-candidata-travesti-do-estado/>. Acesso em 05 de agosto de 2019.

3 MIGRAÇÃO PRA CAPITAL



Pamela no Centro Cultural Vale do Maranhão, 2019.

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Sair de São Domingos foi uma decisão difícil a ser tomada. Até aquele momento Pamela tinha suportado todas as violências a que era submetida, o não reconhecimento de seu trabalho enquanto militante dos direitos humanos da comunidade LGBTIQ+ e por fim as sucessivas candidaturas sem sucesso.

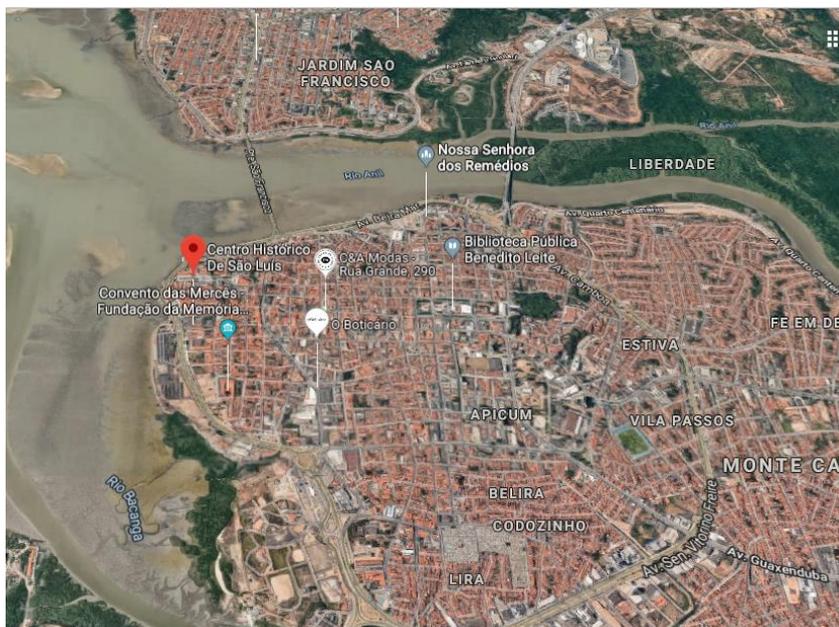
Tomou a decisão de ir pra longe, ainda que não precisasse pra isso sair do seu Estado. Apesar de tudo, ela mantém um amor genuíno ao seu Estado e um orgulho de ser maranhense, “*sou patriota, adoro minha cidade, adoro meu interior*”.

Em 2018 ela decide pela mudança e assim o faz.

Conversei com minha mãe, disse que já tinha um atrito com meu pai por questões de sexualidade. Além disso eu criei, não diria ranço, mas criei decepções, que fizeram me afastar daquilo que não me era gratificante, eu conversei com minha mãe e ela me mantém

atualmente, me ajuda e aqui estou. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Chegou em São Luís sem muita bagagem, mas repleta de projetos e vontades. Percebeu naquele lugar uma gama de possibilidades que até então não encontrara em São Domingos. A saturação de sua relação com São Domingos junto com a vontade de novos caminhos a fizeram migrar.



Centro Histórico

Fonte: Google Maps

A adaptação foi rápida, com quatro meses morando na cidade ela já acessava espaços, sempre de uma forma muito estratégica com vistas à sua futura candidatura na cidade, *“a ultima vez que vim fazer campanha em São Luís para minha candidatura a Deputada Estadual em 2016, fui para a Praça Benedito Leite, que tem muito fluxo e estava em reforma, imagina, um erro”*.

Agora, ciente dos espaços e de onde pode conseguir apoio, ela diz que *“em quatro meses de São Luís eu já percebi que o Reviver é um lugar onde posso angariar muito apoio, é onde os LGBTIQ+ estão.”*

Essa mudança traz uma nova Pamela à cena, ela tentou apagar o seu passado e começar a escrever um novo momento. Mesmo ainda estando sob uma eminente mudança, pois segundo ela o lugar onde mora é muito pequeno

e bagunçado, inclusive, não quis me levar em sua kitnet *“lá tá uma bagunça, quando eu me estabilizar te levo”*. Ela se habituou a nova vida.

Me adaptei ao local porque aqui estou longe de tudo, deletei minhas redes sociais, tenho novas redes sociais, não tenho pessoas que me lembram minha antiga vida, digamos assim. E é aquela coisa, adoro São Luís, essa questão do Centro Histórico, aquela parte do Reviver, uma parte que as pessoas tem mais liberdade de se mostrar quem são. Inclusive, eu não sou mais Pamela Maranhão, sou Pamela Maranhão Reviver, ou simplesmente Pamela Reviver. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

A migração é um caminho que muitas travestis percorrem em algum momento de suas vidas, em um passado recente e até hoje a migração travesti esteve necessariamente ligada à prostituição. Inúmeros são os relatos de travestis cruzando o atlântico em busca de uma perspectiva mais humanizada de vida em países da Europa, como Paris, Itália e Espanha.

Nesses lugares, ela podem encontrar a “clemencia”, como denomina Alexandre Fleming (2012), mas também encontram vulnerabilidade, miséria e violências.

Segundo Alexandre Fleming (2012, p. 132) “diversas modalidades de violência participam da construção da subjetividade de uma pessoa travesti ou transgênero.”. Essas violências, entretanto, não cessam com a migração, elas apenas se contextualizam em outros espaços. Entretanto, a possibilidade de migrar para outro lugar, acompanha a sensação de liberdade que são características dos processos migratórios.

Em seu livro “O Voo da Beleza”, Alexandre Fleming (2012) analisa os motivos e caminhos que levaram algumas travestis e transexuais a migrarem, as trajetórias por ele analisadas mostram que muitas buscam lugares que ele denomina de clementes, tentam, no processo migratório, escapar de violências. A Europa, especificamente Paris, é o ponto focal das personagens que Fleming acompanha. Mas, um questionamento preciso levantado por ele, seria analisar os efeitos de liberdade e de miséria que esses deslocamentos implicariam na nova vida delas.



Pamela no Centro Histórico

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Pamela, ao sair de São Domingos, não vislumbra cruzar o atlântico para encontrar sua liberdade, a capital do Estado, nesse momento, parece suficiente pra ela. A Europa como destino, dentro da realidade travesti não é mais tão forte quanto na época que Fleming escrevera o seu livro e das primeiras correntes migratórias de travestis pra Europa, que se deram ainda na década de 1970. A partir do momento em que a prostituição deixara de ser o único lugar possível para esse corpo, o sonho de cruzar o atlântico passou a não ser mais o único caminho. Hoje, São Luís, a apenas 390 KM de distância de São Domingos, é a Paris de Pamela.

Mas, ao sair de São Domingos, lugar onde sofreu tantas violências, onde, apesar de seus esforços, não fora reconhecida enquanto uma vereadora ou deputada estadual, irá encontrar em São Luís um refúgio, ou nas palavras de Fleming (2012, p. 133), um “exílio”?

Didier Eribon (2008) informa que existe de fato uma “mitologia da grande cidade”, trazendo com isso uma analogia com as migrações que ocorreram no idos do século XIX para cidades como Nova Iorque, Paris, etc. Existia, para ele, especificamente entre os homossexuais algo que ele chamava de “fantasmagoria do além-mar”, que dentro do que explica Fleming (2012) seria a ideia incutida nessas pessoas de que um lugar ofereceria realizações impossíveis de acontecer no lugar de origem.

No espectro político, Pamela observa São Luís (o seu além-mar) como o lugar possível para finalmente chegar à candidatura e assim conseguir realizar o seu projeto, que não conseguira no seu lugar de origem.

Inclusive estou com um projeto pra 2020 pra lançar o maior numero de candidatos pelo PT às Câmaras Municipais da cidade nas eleições municipais, se eu estiver ainda em São Luis vou me candidatar por São Luis, mas não estou com o projeto ainda concreto. Se as eleições fossem hoje eu me lançaria como candidata por São Luis. Com o nome estratégico Reviver, porque eu vou focar na campanha aqui. E já fiz uma pesquisa que de 31 vagas a gente só tem um que é afeminado, que todo mundo sabe que ele é LGBT, só que ele não tem pauta como gestor vereador, não é uma pauta LGBT, ele não representa a categoria. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

A chegada a São Luís para Pamela além da conotação de exílio, de busca de liberdade e a procura por um lugar mais clemente, como conceituado por Fleming (2012), tem também a conotação de uma oportunidade para a construção de uma nova Pamela, a mudança de sobrenome, inclusive, foi só o primeiro passo dessa mudança.

Nas experiências e trajetórias observadas por Fleming (2012, p.142) “a itinerância constitui-se enquanto condição por excelência para levar adiante o ‘processo de feminilização’.” Dessa forma, esse deslocamento feito por muitas travestis, seja a nível de migrar para outro país, ou sair de uma cidade pequena para outra maior, “assume um sentido específico na constituição da subjetividade travesti e transgênero.”

Em Fleming (2012) a migração travesti aparece com a prostituição como pano de fundo. Como expõe Flávia do Bonsucesso Teixeira (2012).

Os cenários da prostituição surgem como significativos espaços de sociabilidades no campo de diferentes pesquisadores que se aventuraram a investigar o cotidiano das travestis desde o trabalho inaugural de Helio Silva (1993). Também não escapou a eles o fascínio que a Europa exercia e ainda exerce neste universo.

Esse fluxo migratório já foi observado por alguns estudiosos como, Don Kulick (1998, 2008) que analisou que desde os anos 70 a França se firmou como destino principal, sentido que permaneceu até 1982. Segundo Larissa Pelúcio (2005), esse fluxo aumentou consideravelmente nos idos dos anos 80 e nos anos 90, tendo nesse momento mudado a Itália agora se firma como um crescente local de migração travesti. Entretanto, essa tendência migratória tem ganhado novos contornos, Pamela é um exemplo.

3.1 A travesti e a cidade

A importância de se pensar Pamela a partir também do contexto social em que ela faz parte é fundamental. A identificação de Pamela com São Luís foi praticamente instantânea, a cidade proporciona o que São Domingos nunca lhe ofereceu: acolhimento.

Ao falar sobre sua relação com São Domingos, Pamela parece dissimular um gostar que ela não quer admitir. Há uma relação de troca inegável.

Langness (1965, apud GONÇALVES, 2012, p.19) ao refletir sobre as histórias de vida na antropologia, observou que pouco se construiu da biografia como uma abordagem efetiva de produção de conhecimento, assim, ele coloca que as biografias eram tratadas como algo que deveria ser explicado, e não como algo que explica fatos culturais. Langness (apud GONÇALVES, 2012, p.19) então cunha o termo personography, enquanto possibilidade de etnografar uma pessoa. Surge assim essa possibilidade de compreender os fatos culturais a partir da biografia de uma pessoa. Talvez, a biografia a priori traga uma perspectiva ficcional ou romanceada da vida de alguém. Mas ainda

assim, permite também pensar essa relação dialética entre individual/coletivo, liberdade/determinismo, estrutura/indivíduo, entre outras.

É como uma troca, um perpassa o outro, um intercâmbio. Gonçalves (2012), ao conceituar etnobiografia traz essa percepção de simultaneidade que se tece entre a etnografia e biografia. A noção de etnobiografia problematiza, por assim dizer, o etnográfico e o biográfico, as experiências individuais e as percepções culturais, refletindo sobre como é possível estruturar uma narrativa que dê conta desses dois aspectos na simultaneidade, ou seja, propõe, a um só momento, repensar a tensa relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura.

Assim, etnobiografia surge segundo Gonçalves (2012) dessa capacidade de “intercambiar experiências” especificamente no que concerne à narração que se produz no momento etnográfico que conseqüentemente envolve o etnógrafo e o narrador. Benjamim (1980) inclusive também aborda essa tensão que é manifesta entre o individual, a subjetividade, o sociológico e as representações.

Esse sujeito que é uma construção social também tem sua potência enquanto criador. Dentro desse raciocínio qual a relação estabelecida entre Pamela e sua cidade? E como a política surge nesse contexto?

No caso do último dualismo, pode-se apontar tanto para uma significativa manutenção no indivíduo de componentes eminentemente sociais e que esteja arraigados ao grupo onde ele vive, como também, de forma inversa, pode-se buscar algo unicamente pessoal dentro de um sistema mais vasto de representações de memória, as quais são internalizadas a partir da sociedade.

De fato, muito do que ela se tornou hoje é consequência do que ela viveu naquele lugar, e negar isso parece inconcebível. Sua experiência na militância, na política e na vida tiveram início lá.

Aprendizado. A única coisa que eu tirei do tempo que estive em São Domingos se chama aprendizado. Aprendi que água na pedra dura, tanto bate até que fura. Mas lá em São Domingos não furo. Infelizmente o sistema é organizado para favorecer o feudalismo e a única coisa que eu tirei de lá se chama aprendizado. Feudalismo moderno. E eu sou anti-sistema. (Entrevista realizada em São Luís, 15 de abril de 2019)

Essa percepção anti-sistêmica que ela coloca está atrelada à perspectiva política, especificamente partidária, onde ela se observava sempre como uma terceira via, tendo como pano de fundo duas oligarquias que comandavam a cidade.

Desde que me entendo por gente em São Domingos do Maranhão, existe dois grupos políticos. E eu sempre tive uma visão, terceira via. Enquanto o grupo A estava no poder o grupo B é prejudicado e vice-versa, e sendo que parecia uma monarquia. O grupo A que estava no poder já preparava o seu sucessor, e vice-versa; E ser anti-sistema é sair disso. As pessoas acreditavam que ser vereador é prometer um emprego na prefeitura, um saco de cimento, um milheiro de tijolos ou remédio. E ser contra o sistema é ser o oposto, é dizer que o vereador não pode fazer isso, porque se ele dar isso, ele vai tirar de algum lugar quando tiver no poder. O vereador não pode te dar o tijolo, o cimento, o material de construção, mas ele pode e deve fazer um projeto de lei, juntamente com o prefeito para criar um Conjunto Habitacional. Ou seja, tu não ganhar apenas um saco de cimento, você vai ser beneficiado com uma casa. Ser contra o sistema seria a conscientização do politicamente correto. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Em uma tarde que nos encontramos em minha segunda ida a São Luís passamos em frente ao prédio da Prefeitura Municipal de São Luís, localizada na Rua da Estrela, no Centro Histórico, quase em frente Escadaria do Reviver, o que de certo é uma irônia, pois o prédio que abriga todos os representantes da população da cidade se encontra em frente a talvez o local onde há maior concentração de LGBTQI's, e que não são enxergados.

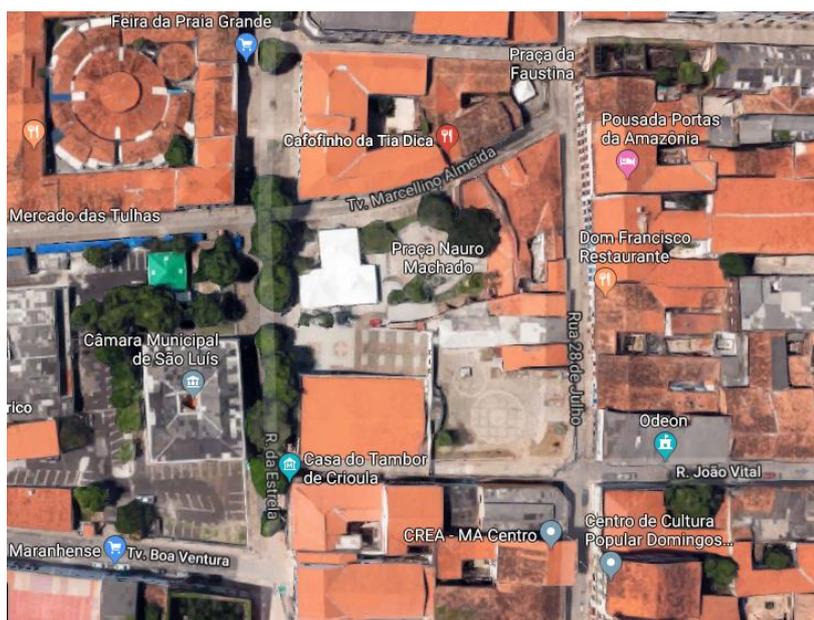
O prédio, tombado pelo IPHAN, tem uma estrutura imponente, mas o descuido dos governantes também se reflete na arquitetura, com aparentes rachaduras e tomado pelo descaso, como Pamela comenta *“ta vendo, eles não cuidam nem do Prédio onde eles trabalham, imagina do resto, imagina dos LGBT que estão todo dia aqui na frente.”*

Em oito meses de São Luis, entretanto, Pamela diz não ter visto cenário diferente do que ela observava em São Domingos, mas dentro desse contexto, que parece ser uma realidade corrente em todo o Maranhão, ela diz.

Apesar de tudo, aqui terei mais possibilidade pra dar visibilidade e dar voz ao movimento LGBTQI bem amplo. Inclusive, o meu Reviver em homenagem a uma parte do Centro Histórico onde os LGBTQI's tem essa espécie de liberdade de ser quem são. Eu acredito que terei menos problemas até mesmo por estar em uma capital, infelizmente São Domingos é uma cidade que além de ter tantos problemas sociais, ainda tem o conservadorismo religioso local. (Entrevista realizada em São Luís, 15 de abril de 2019)

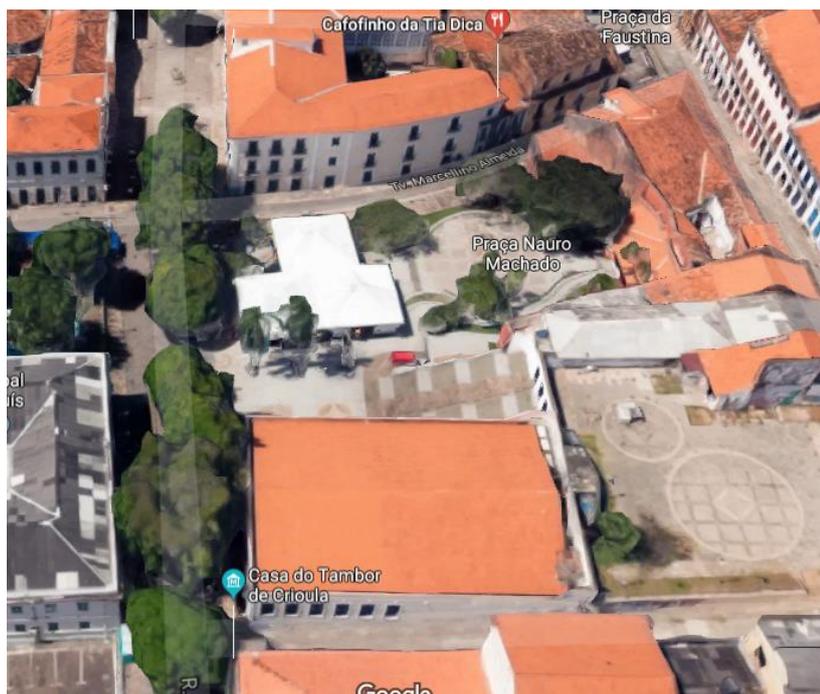
3.2 Reviver

Reviver outras experiências é a principal meta de Pamela nesse novo momento. O local que ela escolheu como símbolo dessa fase fica no Centro Histórico e se chama por ironia do destino, Reviver. É nesse espaço que ela pretende criar bases para sua campanha em 2020.



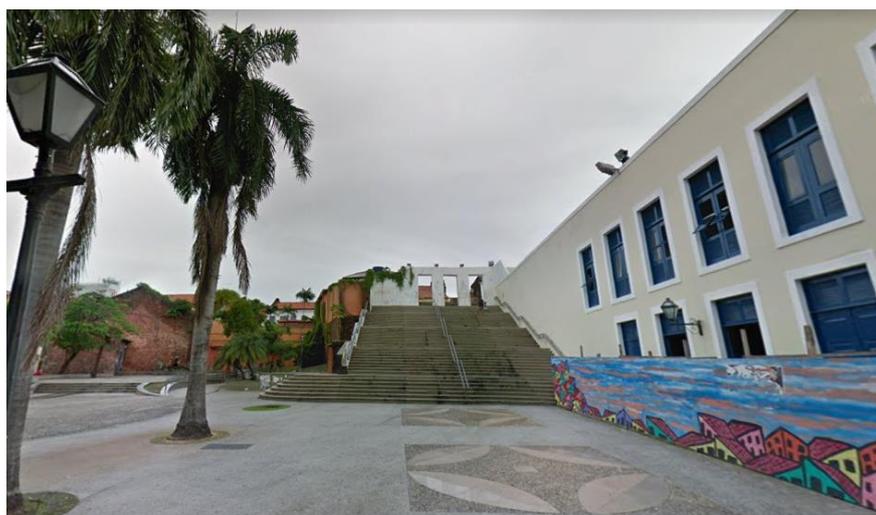
Reviver

Fonte: Google Maps



Reviver

Fonte: Google Maps



Escadaria do Reviver

Fonte: Google Maps

Pamela se tornou conhecida em São Domingos a partir do momento que tomou a frente de um programa de rádio, nessa época, ela conseguia atingir toda a sociedade de São Domingos diariamente. Em São Luís, a comunicação apareceu mais uma vez como um propulsor para alavancar a imagem de Pamela na cidade. Ela participa constantemente da plateia de um programa de TV que acontece aos sábados na cidade com o intuito de aos poucos se tornar conhecida.

Pamela usa suas habilidades como forma de neutralizar o preconceito, “*eles acabam percebendo que eu sou competente no que faço e acabam me engolindo*”. A comunicação é uma dessas habilidades, mas nem sempre consegue passar impune.

As trajetórias das travestis são diariamente marcadas por violências e violações aos direitos humanos, até mesmo dentro da comunidade gay. Em um de nossos encontros, especificamente em uma rua que se tornou cartão postal de São Luís, a Rua do Giz, onde diariamente centenas de turistas fotografam os casarões com azulejos de origem portuguesa, mas que nessa época do ano ganha um *plus* com bandeiras coloridas que formam um mosaico com temáticas juninas, a decoração traz uma lembrança que ela diz que “*preferia esquecer*” mas que a tornou o que é hoje.

No ano de 2011, em um evento de quadrilhas, no mês junino, na cidade de São Domingos, ela relembra um episódio constrangedor que até hoje traz reminiscências. Ela foi convidada para ser jurada de um evento, o que a princípio parecia uma ótima oportunidade, afinal era de fato a primeira travesti a ser convidada pra aquele evento, foi se tornando em mais um ato transfóbico sofrido por Pamela. Ao chegar ao evento é logo informada que o Júri que ela iria compor já estava formado, e que ela não participaria. Foi um momento de constrangimento mas também de aprendizado segundo ela.

Me senti humilhada, me preparei, sinceramente eu não merecia ter passado por tudo isso , estou decepcionada . Ainda fico mais triste é saber que tudo isso se deve ao simples fato de eu ser travesti , e ainda pior é saber que a nossa primeira parada gay foi escolhida a mesma equipe de som do organizador do evento pois a mesma sempre mostrava que não teria preconceito a classe gls , mais acho que equivoquei-me. Ainda bem que tive várias amigas que estiveram comigo em apoio depois desse fato tão constrangedor e desnecessário onde todas mostraram repúdio pelo ato cometido pois faço parte da cultura de minha cidade afinal a cultura é mista (Entrevista realizada em São Luís, 12 de março de 2019).

Em matéria publicada no Blog Spy SD, datada de 12 de junho de 2011, ela expõe a situação vexatória a que foi colocada.

Fui barrada em evento junino na minha própria São Domingos do Maranhão ! Decepcionante !



Neste sábado dia 11 de Junho de 2011 aconteceu algo onde eu fiquei muito decepcionada . Enquanto a mídia de minha amada cidade noticiava que eu poderia ser jurada em um evento junino onde de fato seria a primeira travesti sandominguense a fazer parte de um júri um marco na luta da classe gls em nossa cidade , foi na verdade um dos momentos da minha vida que eu jamais esperaria ter vivido numa noite que para mim seria tão especial .

Fiquei lisonjeada em saber que faria parte da cultura de minha cidade também em um evento junino , afinal quando entrei em contato com o organizador geral do evento para confirmar só tinham escolhido apenas 03 pessoas para compor o júri , sendo que seriam 07 pessoas . Me preparei o dia todo para fazer presença , até deixei de comemorar o aniversário de meu lindo namorado para estar presente nessa data .

Mais quando cheguei no arraial tive a triste notícia que o júri estava completo e o pior meu nome não constava na lista ! Fiquei pasma em saber disso e me dirigi ao organizador geral do evento sem sucesso pois ele atendeu o celular e me ignorou em seguida ! então persistente como sempre sou e serei me dirigi a uma outra organizadora e perguntei por que meu nome não constava na lista e ela me disse que não haviam nem ao menos falado meu nome senão teria colocado ! E finalizei perguntando quem teria escolhido o júri e ela apontou para o organizador geral do evento !

Infelizmente declaro que este foi meu último arraial naquela localidade e terei mais cautela para evitar constrangimentos da minha auto-estima por que o que eu passei não desejo nem a meus inimigos , na verdade a nossa pequena cidade perdeu a oportunidade de conhecer o lado intelectual de PAMELA MARANHÃO .

Infelizmente a cultura de nossa cidade ainda é preconceituosa se é que pode ser chamada de cultura !

Isso mostra que nossa cidade deve ter sim todos os anos manifestações gls para diminuir casos de homofobia . Acho que apartir desta segunda feira 13/06/11 já iremos nos reunir para trabalharmos com políticas públicas voltadas para acabar com esse preconceito que constrange pessoas de bem que lutam pelos direitos humanos VOLUNTARIAMENTE.

Fonte: Blog Spy SD, publicada em 12 de junho de 2011.

Esse era apenas mais uma das várias violências a que Pamela era exposta. Essa infelizmente é uma constante quando se trata de corpos que borram a fronteira entre o natural e o artificial, que pairam sobre o real e o fictício, e que de alguma forma denunciam a fixidez nas normas de gênero.

Ao longo da história tem se produzido noções de caráter normativo que colocam a heterossexualidade como algo estável e natural e isso traz

consequência na possibilidade de expressão de outras formas de sexualidade. Esse discurso marginaliza e discrimina o que não acaba ficando dentro do espectro binário.

Pamela nunca agiu de forma a normalizar os constantes ataques aos quais era submetida e tampouco se contentou com a invisibilidade que as normas heteronormativas insistiam em lhe impor. Sua resposta, entretanto, sempre foi a não violência, *“eles vão me engolir pelo que eu sou, além de travesti sou uma ótima radialista, comunicadora”*.

O estigma, algo muito presente nesses corpos, surge como um processo que destaca um traço específico do indivíduo, no caso das travestis, é sua identidade de gênero, e isso impede que outros atributos tenham a devida atenção, e o fato de Pamela ser travesti, dentro do imaginário social de São Domingos, já lhe atribui a pecha de promiscua, depravada, dentro desse raciocínio estabelecido pelas pessoas, e isso acaba por lhe imputar descredito e por fim a discriminação. Desqualifica a Pamela radialista, ativista, comunicadora, política.

Infelizmente a maioria das pessoas veem gay como depravado no interior, o gay é depravado, o gay é promiscuo. E todo mundo achava que a travesti, ela iria para os Comissos mostrando rabo, e falar palavrão. E a gente trabalhou isso. Ela (no caso Pamela) não foi nua, foi bem vestida, principalmente porque ela não queria chamar atenção não pro corpo dela, e sim para o que ela ia falar diante daquele público. Inclusive todas as pessoas heterossexuais vinham e falavam que observavam todos os candidatos falando e ninguém presta atenção, só prestam atenção quando quem vai falar é o Prefeito e tu. (Entrevista realizada em São Luís, 12 de março de 2019)

Esse estigma e discriminação acabam inclusive por levar à exclusão social, baixa escolaridade (altas taxas de evasão escolar) e barreiras no acesso ao mercado de trabalho. Como exemplo, a dificuldade de Pamela em conseguir acessar os espaços da rádio em sua cidade.

Ainda em São Domingos, ela procurou uma rádio local com a proposta de um programa semanal comandado por ela, tento o projeto em mãos e *“mesmo com patrocinador, pois eu sabia que o que gera a rádio para ela continuar, é o patrocinador, e levei a proposta para o dono da rádio, mas ele não aceitou.”*

Essa quebra do estigma, entretanto, ocorre quando ela consegue romper essa barreira, tanto na rádio, como posteriormente na política. Dois momentos são cruciais nessa transição do que ela chama de “*travesti depravada*” para uma “*travesti respeitada*”. O primeiro quando Pamela consegue um teste para uma outra rádio que surge na cidade, a Nativa FM.

Um tempo passa, então outra rádio surge, a Nativa FM, eu novamente faço a proposta e eles decidem fazer um teste e me colocam em um programa de sábado, de duas horas, chamado Sabadão com Pamela Maranhão. Esse teste seria para ver como seria a aceitação da população com o programa de rádio. O teste foi feito, e por incrível que pareça, o sábado que é o dia de feira na cidade, as pessoas iriam mais cedo pra feira ou então só iam depois pra poder ouvir o programa, que começava de sete às nove. Eram duas horas de duração. E bombou. Bombou mesmo. Aí surgiu um programa durante a semana, chamado Toque de Mulher, a outra menina, ela entregou, que era de segunda a sexta, de sete às nove, e me perguntaram se eu estaria disposta a entrar no projeto de segunda a sexta. Tudo a ver comigo né, programa Toque de Mulher. Eu nesse momento já comecei a fazer exigências, tu ta entendendo como é a maldade da menina? Ela entrou pra radio como um teste e ela já tinha sido convidada para fazer outro. Ou seja, ela já tinha um programa uma vez por semana, no sábado, e o programa foi tão bom e tão bem aceito pelo perfil fora do padrão, que eles fizeram o convite para eu assumir um programa diário, Toque de Mulher, e ainda continuar com o Sabadão. O que eu fiz, disse que poderia ficar com os dois, a oferta ia ser maior financeiramente, e eu comecei a exigir com meu formato, tipo assim, pra não ter comparação com a outra locutora, so o nome continuou o mesmo. E aí surge o programa Toque de Mulher, que graças a Deus decolou do mesmo jeito. Entrei na rádio no dia 07 de janeiro de 2017. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Esse novo lugar, de radialista, a torna conhecida e a faz atingir várias camadas daquela cidade, desde a mulher que sofre abusos dentro de casa, até o agricultor que vai à feira todos os sábados, todos eram seu público fiel aos sábados. Um segundo momento, foi quando, já alcançando um relativo sucesso dentro da cidade como radialista, ela é chamada para comandar um outro programa, esse por sua vez, mais específico e direcionado especificamente para mulheres.

Mulheres cisgeneros, que é a amapô que a gente chama. E também logicamente era um perfil da diversidade, que era bem estratégico. Ressaltava muit o 24, no Maranhão o 24 denota viado, bixa, qualira. E quando eu era candidata politica sempre terminava meu numero com o 24, então eu tive que unir o útil ao agradável. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Esse talvez tenha sido, na percepção de Pamela em sua trajetória na rádio e também com a sociedade de São Domingos, o momento em que ela conseguiu, de alguma forma, transpor as diferenças de gênero que antes a impediam de estar ali. Naquele momento, uma travesti estava comandando um programa para mulheres, falando para mulheres sobre empoderamento, dando conselhos.

Eu levava o empoderamento da mulher. Inclusive teve uma ouvinte que foi ameaçada pelo esposo, quando ele viu ela ouvindo e ela começou a mudar o comportamento e não aceitar mais as agressões dele enquanto homem machista, o alfa. Ele disse que a próxima vez que pegasse ela ouvindo o programa iria quebrar o rádio na cabeça dela. Até que ela se separou desse homem e se diz hoje uma mulher feliz. Inclusive o programa destacava mais músicas cantadas por mulheres. (Entrevista realizada em São Domingos, 20 de janeiro de 2019)

Interessante observar essa relação de escuta e aconselhamento que mulheres cisgênero de uma cidade do interior passam a ter com uma travesti. Em um retrospecto, é importante observar que as reflexões sobre gênero apareceram inicialmente nos debates feministas, entre 1970 e 1980, especificamente dentro do feminismo nos Estados Unidos. Nesse período houve um aumento considerável nos estudos acerca da desigualdade que regia as relações entre homens e mulheres.

Os estudos feministas buscavam questionar essa dominação masculina, tendo como perspectiva os aspectos sociais, histórico e cultural. Assim, buscavam questionar as desigualdades que se estabeleciam entre os sexos e como essa situação trazia consequências nos âmbitos das relações sociais e consequentemente no papel inferiorizante ao qual a mulher era colocada.

Joan Scott (1995) traz a perspectiva do caráter social das relações entre os sexos, assim como Safiotti (1994), que informa que o se construiu teoricamente a partir das pesquisas feministas torna possível a defesa de uma perspectiva de gênero enquanto construção social.

Rubin (1993, p.12) em seu ensaio “Tráfico de Mulheres” artigo onde traz o conceito de gênero dentro do debate feminista, afirmava que “o gênero não é apenas uma identificação com um sexo”.

Eram mulheres discutindo e desconstruindo as noções preestabelecidas sobre gênero, o que indiretamente acabou indiretamente trazendo

consequências nos debates acerca da opressão praticada contra homossexuais, como coloca Rubin (1993, p.12) “a supressão do componente homossexual da sexualidade humana e, como corolário, a opressão dos homossexuais, é, portanto, produto do mesmo sistema cujas regras e relações oprimem as mulheres”.

Agora, é uma mulher travesti desconstruindo o machismo ao lado de outras mulheres. Entretanto, mesmo conseguindo transpor algumas barreiras, a transfobia ainda era uma constante na rotina de Pamela. Em sua fala, Pamela relata um desdém com a comunidade LGBTQI de São Domingos, ninguém a apoiava, seja por motivos pessoais ou apenas por não “*aceitarem uma travesti*”. Dentro desse contexto de transfobia, Alexandre Fleming (2012, p.96) conceitua como.

Efeminados, travestis e transgeneros são verdadeiramente vítimas de uma figura de desordem específica, que implica uma violência simbólica específica e é atualmente denominada de transfobia. Ela diz respeito ao ódio ou á aversão da feminilidade em uma pessoa nascida biologicamente com o sexo masculino e que funciona como mecanismo de proteção psíquica de algo que se teme em si.

Assim, a transfobia não deve ser considerada apenas como um injúria de caráter heterossexista, mas também enquanto discriminações ou, como chama Alexandre Fleming (2012, p.97) “fricções de alteridade” que acontecem também na homossocialidade. A questão de São Luís foi sobre a revolta, sobre não se ver respeitada em sua escolha, sobre os olhares de uma cidade que nunca se habituou a ela.

Porque as pessoas reclamam de uma forma geral de sua realidade, que a cidade não tem emprego, não tem isso, não tem políticas públicas sociais. Então eu vi que a conscientização era a melhor forma de mudar aquela realidade, porém me candidatei várias vezes porque sou patriota, adoro minha cidade, adoro meu interior. Só que infelizmente eu tive um choque de realidade, um choque de ‘acorda garota’. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)



Pamela no Centro Histórico de São Luís

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Pamela se utiliza dos meios que pode para escapar a essa realidade, a política é uma dessas armas que ela usa a seu favor.

Na verdade eu nunca tive medo desde 2010, quando fundei a ONG. Nunca tive medo de ser colocada como a representante do Movimento LGBT ta aqui, tem 3 minutos para falar, só que era boicotada. Por exemplo, numa Conferência de Saúde, eu fui muito assídua, participava de Conferencia de tudo. Porque ao mesmo tempo que eu estava na ONG em São Domingos, nos éramos assistidas pela OBG pioneira de Bacabal, Flor de Bacaba, por isso somos muito gratas. Ela nos acompanhou. É como se fosse uma sementinha, ela vai nos acompanhando.

Sempre fui militante, me candidatei ao segundo mandato consecutivo, fui reeleita porque a gente precisava ainda fazer a porra da vereadora na cidade. Porem as bixas todas estavam intrigadas, imagina fazer a militância com as bixas todas intrigadas, por causa de homem. Cidade pequena e continua a mesma coisa. Em 2016, na minha segunda candidatura a vereadora, as mesmas desculpas, a politica em 2016 foi decidida nos dois últimos dias. As pessoas podem votar de graça para prefeito, mas para vereador eles não votam. Eu tive 27 votos. Pra tu ver como caiu, mais da metade. De 70 em 2012 para 27 votos em 2016.

Não foi porque eu era homossexual, porque teve outro candidato do PT, que era homem, pai de familia e trabalhador e tirou 27 votos e outra candidata do PT, presidente do PT, inclusive a mulher que me convidou de dentro da Igreja, tirou 90 votos. A questão lá, não é so do preconceito. É uma questão financeira, do sistema politico. É aquela coisa, quanto mais pequena a cidade é pior pra tu emplacar, porque

ta concentrado em famílias, oligarquias. Imagina uma cidade com cinco oligarquias, então se um prefeito chegar lá e fechar com três oligarquias então ele é o prefeito da cidade. Entendeu como é prejudicial o sistema maranhense de votação?

Eu acho que sou a única pessoa que bato na cabeça 'o povo besta' deveria ser bom assim no que tivesse sessão, chegasse lá e não tivesse sessão por falta de vereadores, todo mundo sair na rua criticando. Eu sempre defendi o politicamente correto, mas eles não querem o politicamente correto, querem ver a maioria naquela disputa, tipo o meu grupo tem mais, e aí todo mundo se lasca. (Entrevista realizada em São Domingos, 20 de janeiro de 2019)



Pamela no Centro Histórico de São Luís

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela na Igreja da Sé em São Luís
Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela no Palácio dos Leões em São Luís.
Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela no Centro Histórico de São Luís

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Pamela está ciente dessa realidade que não a abandonou. São Luís, apesar de todos os lados positivos, também pode ser um lugar tóxico para uma travesti. Mas isso não a desanima, ela encontra força na força de uma pessoa que lhe apoiou incondicionalmente, sua mãe.

Minha mãe é aposentada e uma pequena comerciante. Não é política, não é religiosa, graças a Deus, não é de nenhuma religião. Mas sempre respeitou as decisões de cada filho, cada um pode seguir qualquer religião e a figura da minha mãe é a figura da pessoa honesta, o exemplo a ser seguido de mulher, que corre atrás daquilo que acredita. De uma simples quebradeira de coco ela começou a estudar, foi técnica de enfermagem de um Hospital durante muitos anos. (Entrevista realizada em São Domingos , 20 de janeiro de 2019)

Ela também encontra força nas gerações futuras, que segundo ela *“lidam melhor com a diversidade, que olham com menos preconceito para as travestis, para os gays”*. As palavras de Pamela se concretizam a partir de experiências que ela mesma tem no dia-a-dia, como na tarde do dia que nos

encontramos pela primeira vez, mais precisamente em uma praça em frente à Igreja da Sé em São Luís.



Pamela com estudantes da Escola Cônego Ribamar Carvalho

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

Nesse dia, alguns estudantes da Escola Cônego Ribamar Carvalho, com idades que variavam entre 15 e 17 anos a abordaram e pediram para entrevista-la, as perguntas versavam sobre o preconceito que corpos como o dela sofriam. Aquela abordagem, para Pamela, tinha um significado maior, era *“uma nova geração que estava me perguntando como eu me sentia, como o preconceito me afetava. Provavelmente, esses adolescentes vão enxergar a travesti, a transexual, o gay com outro olhar, um olhar de respeito.”*



Pamela no Centro Histórico de São Luís.

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.



Pamela em instalação da Exposição Infinitos da artista Raquel Kogan mais a dupla Cantoni-Crescenti, no Centro Cultural Vale do Maranhão em São Luís.

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretendeu analisar a trajetória de Pamela Maranhão, uma mulher travesti que iniciou sua história de vida em uma pequena cidade no interior do Maranhão e aos 30 anos resolve migrar para uma cidade maior e que torne viável alguns de seus anseios, observando alguns conceitos que transpassam essa trajetória, como: gênero, política e a migração.

O problema inicial colocado era observar em que aspecto a política teve participação no processo de construção pessoal de Pamela enquanto uma mulher travesti, como ela mesma se denomina.

É importante, assim, tomar a palavra política nesse contexto como participação na vida pública e no governo da sociedade, o que tem a ver com instituições políticas, partidos políticos, eleições, leis e todos esses aparatos que formam um república.

A construção dessa trajetória se dá início, no trabalho, no momento em que ela começa a se perceber enquanto homem gay, nesse momento sua única relação com a política era o trabalho que a mantinha no Partido Social Cristão. O processo de transição é gradual e construído a duras penas por Pamela. Vivendo em um contexto sem muitas referências e informação acerca do que ela estava passando, Pamela demora um pouco até se entender como uma mulher travesti.

Inicialmente, ela se “montava” escondido com um amigo e fazia as chamadas “caças” à noite pela cidade em postos bem específicos, geralmente em postos de gasolina. Durante o dia, ela continuava um homem gay para a sociedade.

Posteriormente, no que talvez seria o momento em que de fato Pamela Maranhão nasce, se inicia tanto o que ela construiu enquanto carreira política, e também a trajetória de Pamela enquanto uma mulher travesti assumida para toda sua cidade.

Esse momento ocorre quando ela percebe que na cidade não existe nenhuma Lei municipal que beneficiasse a comunidade LGBTQI. Assim, na tentativa de levar a frente um projeto de criação do Dia de Combate à LGBTfobia, ela, tendo como negativa a resposta de todos os vereadores da

Câmara Municipal, toma para si esse projeto como uma meta de vida a partir daquele momento.

O que ela chama de “revolta”, foi o que a moveu para a vida política. Desse momento em diante surge a Pamela política, mas ainda não assumida enquanto mulher travesti.

Não recebendo apoio dos seus representantes, ela decide ela mesmo se tornar uma deles, se candidata no ano de 2012 a vereadora. Para a campanha Pamela adota a estratégia de durante as propagandas se montar e vender a imagem de a primeira candidata travesti, mas no dia-a-dia, ela ainda vivia uma vida de homem gay.

Em sua segunda campanha, tendo percebido que não se assumir por medo de uma possível retaliação social, ela decide assumir sua verdadeira identidade não apenas durante a campanha, mas também fora delas. Nasce Pamela Maranhão de fato.

A política foi o local de reflexão que Pamela se utilizou para se entender enquanto mulher travesti. Foi na política que ela percebeu que corpos como o seu não eram representados, foi na política que ela percebeu que ela precisa se assumir enquanto mulher travesti para representar corpos assim como o seu e por fim, foi e continua sendo na política que ela permanece construindo essa trajetória em busca de ser essa representante.

Dentro de sua trajetória o gênero e a política estão sempre um ao lado do outro, há uma relação de interdependência e influencia mútua.

O momento escolhido por Pamela para expandir para a cidade sua condição, foi um ato político e performático em uma famosa lagoa de sua cidade. Na Lagoa do Zé Feio, Pamela de biquíni escancara para todos o que ela não podia mais esconder. O vídeo repercutiu nas redes e na cidade. Pamela ficou famosa. Sua vida pública se inicia.

Constrói uma carreira bem sucedida na rádio, mas logo tem que desistir, seu sonho na política se sobrepõe e ela se candidata a deputada estadual no ano de 2014. Em 2016 se candidata a vereadora novamente por fim, em 2018 se candidata deputada estadual.

As duas últimas derrotas culminaram em um processo de desilusão que a levaram a migrar para a capital. Pamela não desistiu da política, desistiu de

sua cidade, da ingratidão de seus conterrâneos. Seu projeto político continua, agora em outro lugar, com outras perspectivas.

Nesse novo lugar ela toma para si outro sobrenome, agora Pamela Reviver, ela tenta fechar um ciclo e iniciar outro.

BIBLIOGRAFIA

ANTRA. **Associação Nacional de Travestis e Transexuais**. Disponível em: <https://www.facebook.com/antrabrazil/>. Acesso em 10 de agosto de 2018.

ASSIS, G. O. **Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional**. *Estudos Feministas*, 15(3), Florianópolis, 2007.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **“A ilusão biográfica”**. In: FERREIRA, M.M. ; AMADO, J. (coord.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183- 191.

LOURO, Guracira Lopes (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GREEN, James. **Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”**. *Cadernos Cepia nº 5*, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

KOFES, Suely. **“Os papéis de Aspern”**: anotações para um debate. In: KOFES, Suely (org) Histórias de vida, biografias e trajetórias. Cadernos do IFCH; 31. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.

KULICK, Don. **Travesti: sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes**. Chicago, The University of Chicago Press, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. Ed., Belo Horizonte: Autentica, 2008.

LUDERMIR, Chico. **A história incompleta de Brenda e outras Mulheres**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.

MALUF, Sônia. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. *Esboços*, v.9, n.9, 2001:87-101.

MALUF, Sonia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, Por Alegre, Ano 5, n.12, p. 69-82, 1999. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n12/HA-v5n12a05.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2017.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003[1935]:399-422.

MOORE, Henrietta. **Compreendendo sexo e gênero**. Tradução: Júlio. Assis Simões. 1997. Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, p. 813-830.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MERCADANTE, Elisabeth Fronlich; ANTUNES, Pedro Paulo Samarco. **Travestis, envelhecimento e velhice**, 2011. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902>>. Acesso em 14 de maio de 2017.

MOUNTIAN, Ilana. **Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração**, 2015. Disponível em:< <http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/viewFile/v17-n3-mountian/1286-pdf-pt>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. Brasília: Paralelo: 2006.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. **Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza. V.44, n.1, jan-jun, 2013, p. 74-109.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo**. Disponível em Repositório UFSC. Acesso em 02 DE AGOSTO 2019.

SALIH. Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Disponível em: Repositório UFRGS. Acesso em 04 de agosto de 2019.

SAFFIOTI, Heleith I.B **Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero**. Cadernos Pagu, n.16. Campinas: 2001.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: FAPESP, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti.** *Cadernos Pagu* (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.217-248.

PERES, W. S. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania.** Tese (doutorado), Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2005

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio.** In.: _____. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Vôo da Beleza: Experiência Trans e Migração.** Fortaleza: Editora Rds UFC, 2013.